



# **CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016*  
*AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.*

ESTER MARIA CABRAL

CONTEXTO DO TRABALHO PASTORAL: aspectos relacionais de famílias dos  
pastores presbiterianos residentes em Palmas – TO

Palmas – TO

2019

Ester Maria Cabral

CONTEXTO DO TRABALHO PASTORAL: aspectos relacionais de famílias dos  
pastores presbiterianos residentes em Palmas – TO

Pesquisa elaborada e apresentada como  
requisito para aprovação na disciplina de  
TCC II, do curso de bacharelado em  
Psicologia do Centro Universitário  
Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. M.e Cristina D'Ornellas Filipakis

Palmas – TO

2019

Ester Maria Cabral

CONTEXTO DO TRABALHO PASTORAL: aspectos relacionais de famílias dos  
pastores presbiterianos residentes em Palmas – TO

Pesquisa elaborada e apresentada como  
requisito para aprovação na disciplina de  
TCC II, do curso de bacharelado em  
Psicologia do Centro Universitário Luterano  
de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. M.e. Cristina D'Ornellas Filipakis

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. M.e. Cristina D'Ornellas Filipakis  
Orientadora  
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Profa. M.e. Thais Moura Monteiro  
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof. M.e. Wayne Francis Mathews  
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2019

## **AGRADECIMENTOS**

Meus sinceros agradecimentos a Deus, que pela sua infinita graça e misericórdia me concedeu vida, saúde e o privilégio da concretização de mais um sonho.

Aos meus familiares que generosamente me incentivaram na continuação de meus estudos e aprovaram cada decisão tomada frente aos desafios interpostos.

Aos irmãos em Cristo da Igreja Presbiteriana Palmas Norte, que através de suas orações e cuidado me impulsionaram a terminar mais esta jornada.

Aos queridos colegas que com sua jovialidade e alegria, transformaram os períodos difíceis em momentos de crescimento, impulsionando-me a continuar.

A cada professor(a) que com paciência e abnegação, transmitiu seus conhecimentos e me apontou novos rumos possíveis.

Às famílias pastorais participantes desta pesquisa, que confiaram à mim suas experiências e por meio das quais pude provar minhas hipóteses, e construir este trabalho que deverá auxiliar a toda comunidade presbiteriana de Palmas-TO.

À querida supervisora e orientadora Cristina D'Ornellas Filipakis, por me conduzir numa nova forma de pensar, agir, refletir e pacientemente me apresentar a rota a ser trilhada a partir do pensamento sistêmico de segunda ordem e de forma delicada e generosa dividir comigo seus conselhos e orientações.

“A elaboração de novas ideias depende da liberação das formas habituais de pensamento e expressão. A dificuldade não está nas novas ideias, mas em escapar das velhas, que se ramificam por todos os cantos da nossa mente”. J.M. Keynes

CABRAL, Ester Maria. CONTEXTO DO TRABALHO PASTORAL: aspectos relacionais de famílias dos pastores presbiterianos residentes em Palmas – TO. Centro Universitário Luterano de Palmas. Trabalho de Conclusão de Curso. Palmas, 71p. 2019.

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é identificar os principais aspectos relacionais observados em pastores presbiterianos e suas famílias no município de Palmas – TO, no contexto do trabalho pastoral e se justifica pela inexistência de trabalhos científicos a respeito do assunto, bem como o alto grau de adoecimento entre pastores e familiares. A metodologia adotada foi a pesquisa participativa, de natureza pura, por meio da pesquisa de campo, com objetivo exploratório, cujo público alvo foram duas famílias nucleares de pastores residentes em Palmas-TO, escolhidas mediante sorteio. Pretendeu-se fazer uma pesquisa qualitativa, com dados sócio demográficos e dados obtidos a partir de um questionário fechado e uma entrevista semiestruturada. Foram abordados temas referentes às relações familiares, relação com a igreja e relações pessoais. A coleta de dados da pesquisa de campo teve duração de dois meses (agosto e setembro de 2019) e os dados levantados foram analisados na perspectiva da psicologia descritiva da Análise do Discurso, levando-se em conta os pressupostos do Pensamento Sistêmico de Segunda Ordem. Os resultados encontrados apontaram que os membros das famílias pesquisadas compreendem sua importância no ministério pastoral e se engajam nas atividades. Porém, se ressentem da cobrança excessiva por parte de algumas igrejas. Observou-se o sofrimento causado pela falta de privacidade, e pelo não reconhecimento da identidade da esposa e dos filhos. As finanças também foram consideradas como um entrave para o bem-estar das famílias pesquisadas, uma vez que precisam utilizar os recursos financeiros para ajudar no trabalho pastoral. As mudanças de locais e a solidão foram temas levantados como estressores na relação pessoal gerando adoecimento físico e desgaste mental, inclusive com histórias de automutilação e tentativas de suicídio por parte de filhos de pastores. No médio e longo prazo espera-se que o estudo sirva de base para projetos de atenção psicossociais com as famílias de pastores e suas igrejas, promovendo melhorias nas relações entre os mesmos, bem como a produção de material para posteriores pesquisas.

Palavras-chave: Família do pastor; trabalho pastoral; pensamento sistêmico.

CABRAL, Esther Maria. CONTEXT OF PASTORAL WORK: relational aspects of families of Presbyterian shepherds residing in Palmas - TO. Lutheran University Center of Palms. Completion of course work. Clapping, 71p. 2019.

### **ABSTRACT**

The goal of this research is to identify the main aspects observed in presbyterian pastors and their families in Palmas, State of Tocantins, in context to the pastoral work. Justified by a lack of scientific production on the matter, as well as the high level of illness between pastors and family members. The chosen method was a pure participatory research, through an exploratory field research, having its target audience be two presbyterian pastors' nuclear families, both residing in Palmas, State of Tocantins and chosen randomly. This paper aims to be a quali-quantitative research, with sociodemographic data and data retrieved from closed-end quizzes and a semi-structured interview. Topics on relationships between family members, relationship towards the church and personal relationships were evaluated. The field research data collection lasted two months (August and September 2019) and the data gathered were analyzed in the Discourse Analysis, through a descriptive psychology perspective, taking in consideration the presuppositions of Second-Order Systemic Thinking. The found results point that the members of the families surveyed understand their importance to the pastoral ministry and engage in related activities. However, they also resent the high demand of some churches. The lack of both privacy and identity recognition of the wife and offspring was observed as a cause of distress. Finances were also considered as an obstacle to the well-being of the target families, once they also need to use their own financial resources to support the pastoral work. Moving and solitude were highlighted as stressors in personal relationships, causing physical illness and mental distress, including reports of self-mutilation and suicide attempts on the part of pastors' children. In mid to long terms, this study is expected to serve as a basis to psychosocial attention projects for pastors' families and their churches, promoting improvements in their relationships among themselves, as well as material production for future researches.

**Keywords:** Pastor's Family. Pastoral work. Systemic Thinking.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>A FAMÍLIA NA HISTÓRIA .....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>A FAMÍLIA DO PASTOR PRESBITERIANO NO MUNDO E NO BRASIL NOS SÉCULOS XVI A XXI.....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>A FAMÍLIA DO PASTOR PRESBITERIANO, SUAS RELAÇÕES E EMOÇÕES MANIFESTAS NO CONTEXTO DO TRABALHO PASTORAL.....</b>	<b>23</b>
<b>5</b>	<b>PRINCIPAIS CONCEITOS DO PENSAMENTO SISTÊMICO .....</b>	<b>28</b>
<b>5.1</b>	<b>Teoria geral dos sistemas .....</b>	<b>28</b>
<b>5.2</b>	<b>Teoria da comunicação .....</b>	<b>33</b>
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>36</b>
<b>6.1</b>	<b>Desenho metodológico .....</b>	<b>36</b>
<b>7</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>41</b>
<b>7.1</b>	<b>Relações familiares.....</b>	<b>43</b>
<b>7.2</b>	<b>Relação com a igreja .....</b>	<b>45</b>
<b>7.3</b>	<b>Relações pessoais e suas implicações emocionais .....</b>	<b>50</b>
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>56</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>63</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>71</b>



## 1 INTRODUÇÃO

São inúmeras as definições sobre famílias e suas relações e faz-se necessário ter cautela para não incorrer em avaliações insuficientes e superficiais a respeito do tema. Silva (2016) citando P. B. Horton (1980 p. 166) define família como “um agrupamento de parentesco que se incumbe da criação dos filhos e do atendimento de certas outras necessidades”.

Segundo Silva (2016), uma família é um grupo de pessoas diretamente unidas por conexões parentais cujos membros adultos assumem responsabilidades pelo cuidado das crianças, a partir de laços de parentesco. O elo matrimonial em qualquer configuração estabelece laços parentais diretos ou indiretos e as relações familiares são sempre reconhecidas dentro de grupos de parentescos simples ou ampliadas (GIDDENS, 2005).

As relações familiares acontecem basicamente em níveis de categorização, a saber: a família conjugal composta por marido e mulher, equivalente à família nuclear composta por dois adultos vivendo juntos num núcleo doméstico com suas crianças ou crianças adotadas, a família ampliada ou patriarcal ou consanguínea composta por avós, irmãos e suas esposas, irmãs e seus maridos, tios e sobrinhos e a cada nova família que se forma, a anterior é denominada família de origem.

Ao longo dos anos, o sistema familiar passou por inúmeras modificações levando em consideração a complexidade das relações sociais e familiares. Desde os primórdios, a família tem vivenciado transformações importantes e seu papel e configurações vêm mudando a cada geração, com vários formatos e de acordo com as demandas da sociedade.

Horton (1980 p.11) observa que “os padrões familiares revelam uma variação fascinante de uma sociedade para outra, e as pessoas de uma delas, que se envolvem com padrões familiares de uma sociedade diferente, geralmente reagem de uma maneira previsivelmente etnocêntrica”.

Outras instituições políticas e sociais foram se formando de acordo com as necessidades de cada sociedade, atendendo às demandas que advinham. A família então, se constitui ao longo das épocas, como a instituição social básica, de onde todas as outras instituições se desenvolveram com as complexidades características de cada tempo.

Na Idade Média, a família tinha como missão a conservação dos bens, da proteção da honra e das vidas. Eram grandes agrupamentos compostos de parentes consanguíneos, serviçais e protegidos. Viviam em grandes casas nas áreas rurais onde a vida privada,

profissional e social não tinha nenhuma distinção. A privacidade era inexistente enquanto valor.

A família não era responsável direta pela transmissão dos valores e dos conhecimentos e pela socialização das crianças e a igreja dominante como instituição religiosa, se imputava enquanto guardiã e transmissora dos valores morais e éticos da família, mesmo que seus líderes tivessem uma vida celibatária sem nenhuma vivência prática do cotidiano familiar (MELMAN, 2001).

Os aspectos emocionais nas relações familiares começam a serem relatados a partir do Século XVI, quando finda a Idade Média e se inicia a Idade Moderna, através de pinturas relativas a casamentos, batismos, festas e encontros familiares. E toda a mudança advinda desta nova época também é observada no desenvolvimento das relações familiares.

Segundo Oliveira (2012), a Reforma Protestante, movimento inicialmente originado dentro da Igreja Católica desencadeado no século XVI por Martinho Lutero, protagonizou mudanças para além do domínio estritamente religioso. As suas mudanças foram sentidas também nos aspectos sociais, políticos, institucionais e até mesmo jurídicos e familiares. Com o cisma da Igreja Católica, líderes religiosos apoiadores das ideias de Lutero podem desde então, se casar e constituir suas próprias famílias.

Os pastores protestantes surgiram com a Reforma Protestante do Século XVI e tiveram que desenhar seus modelos de família por serem em sua maioria ex-padres celibatários recompondo núcleos familiares e estabelecendo uma nova relação entre família e seus novos ministérios pastorais. As famílias desses pastores também tiveram que se adequar à nova realidade onde a igreja passa a fazer parte da vivência familiar, pois eram famílias de ex-celibatários compostas em sua maioria, por ex-padres e ex-freiras.

A família do pastor tem uma importância fundamental em seu ministério pastoral, servindo de base e sustentação para suas atividades pastorais e de referência familiar para a igreja onde trabalha e a sociedade que o cerca. A experiência familiar do pastor lhe dá subsídios para auxiliar outras famílias de seu contexto pastoral que estejam passando por crises, dificuldades conjugais e com a criação de filhos. No entanto, o pastor e sua família não estão isentos de passar por crises que muitas vezes não são acolhidas por ninguém do seu círculo ministerial, gerando emoções reativas em suas relações.

As questões emocionais e de relacionamento familiares dos pastores têm sido uma preocupação no meio religioso, e muitos têm tratado o tema de forma indevida, aumentando o fardo emocional dos pastores e seus familiares.

Nos dias atuais as famílias de pastores adquiriram novas formas de constituição, onde nem sempre as esposas têm formação teológica, ou devido às demandas originárias do ministério pastoral, não conseguem sequer ter formação acadêmica ou se aperfeiçoarem em suas profissões, gerando conflitos por não conseguirem se adequar à dinâmica eclesiástica do ministério pastoral. Os filhos, por sua vez, vivenciam inúmeras dificuldades, que vão desde as questões financeiras até a constante quebra de vínculos afetivos causados por constantes mudanças de domicílio em decorrência de transferências do pastor.

A pesquisa que deu origem a este trabalho buscou identificar os principais aspectos relacionais observados nas famílias de pastores da Igreja Presbiteriana do Brasil residentes em Palmas - TO e suas interfaces com trabalho pastoral. Neste contexto, privilegia-se a relação do pastor com os filhos e esposa, enquanto modelo de grupo familiar escolhido pela comunidade evangélica e a sociedade ocidental.

Este trabalho pretendeu analisar a situação dos pastores presbiterianos e suas famílias sob o olhar do Pensamento Sistêmico, pelo entendimento de que esta abordagem é a mais apropriada para amparar o discurso das relações do sistema familiar a partir da leitura de contexto como um processo que inclui todas as partes envolvidas em constante interação e com responsabilidades compartilhadas na construção de um todo (CERVENY, 2010).

Diante disto, questiona-se quais são os principais aspectos relacionais observados em pastores presbiterianos e suas famílias, no município de Palmas – TO no contexto do trabalho pastoral? Como possíveis respostas a esta pergunta tem-se como hipóteses, a rigidez dos conceitos simbólicos de espiritualidade e religiosidade construídos ao longo da história enrijecem os padrões de exigência moral e ética requeridos aos religiosos e aos seus familiares. Esses padrões causam impactos por vezes negativos aos familiares que são indevidamente expostos a valorações morais e a exigências que resultam em problemas relacionais tanto de pastores quanto de suas famílias.

Outros fatores relacionados às exigências do trabalho; falta de apoio organizacional e financeiro; constantes mudanças de domicílio; à cobrança por resultados; à diversidade de atividades, também geram mudanças relacionais em toda família. Por outro lado, a missão em que estão imbuídos, modifica as relações afetivas e produzem o prazer relacionado à possibilidade de usar valores transcendentais, maior sentido na vida e contato com a comunidade. Portanto, parte-se da hipótese de que fatores relacionados à rigidez por cobrança de resultados, a padrões de exigência moral e ética e a mudanças sistemáticas de locais de trabalho, resultam em maior reatividade emocional em esposas e filhos de pastores presbiterianos.

Para a Organização Mundial de Saúde, o adoecimento psicológico entre a população mundial ganhou contornos de Saúde Pública e poderá ser o mal do século, estando presente em todas as camadas sociais, meios culturais e religiosos. Segundo as últimas estimativas da OMS, mais de 300 milhões de pessoas estão agora vivendo com algum tipo de sofrimento psíquico, um aumento de mais de 18% entre 2005 e 2015.

De acordo com Heckert (2011), a prática cristã não isenta das mazelas da condição humana, o que inclui o adoecimento mental. Por outro lado, a fé não deixa de se manifestar, mesmo em meio às situações mais deploráveis. O autor classifica a religiosidade com dois efeitos sobre o indivíduo: um efeito terapêutico e outro que pode ser doentio, considerando o Evangelho da culpa versus o Evangelho da graça de Deus.

O pesquisador H.G. Koenig (2010), da Duke University, nos Estados Unidos, fala claramente sobre os riscos para a saúde representados pelas religiões que se fundamentam na supervalorização da culpa. Por outro lado, aquelas que enfatizam o perdão mostram-se relacionadas favoravelmente à saúde.

As questões emocionais e de relacionamento de líderes religiosos e seus familiares têm sido uma preocupação no meio social evangélico, e muitas denominações buscam ajuda para seus líderes de forma simplista no próprio meio, através da culpabilização, o que aumenta o fardo emocional especialmente de seus familiares.

Em 1 de agosto de 2010 a [www.PastorBurnout.com](http://www.PastorBurnout.com) e o New York Times revelaram que os membros do clero americano estão sofrendo de obesidade, hipertensão e depressão a taxas superiores à maioria dos americanos. Na última década, o uso de antidepressivos aumentou, enquanto sua expectativa de vida caiu. Muitos gostariam de mudar de emprego se pudessem e apontou os seguintes dados:

13% dos pastores ativos são divorciados; 25% não sabem o que fazer quando tiverem problemas na família ou um conflito ou problema pessoal; 25% das esposas dos pastores veem o horário de trabalho do marido como fonte de conflito; 33% dizem que estar no ministério é um risco absoluto para a família; 40% dos pastores e 47% dos cônjuges sofrem de Síndrome de burnout, horários frenéticos e/ou expectativas pouco realistas; 45% das esposas dos pastores dizem que o maior perigo para eles e sua família é o desgaste físico, emocional, mental e espiritual; 52% dos pastores dizem que eles e seus cônjuges acreditam que estar no ministério pastoral é perigoso para o bem-estar e a saúde de sua família; 56% das esposas dos pastores dizem que não têm amigos íntimos; 80% dos pastores afirmam ter tempo insuficiente com o cônjuge; 80% acreditam que o ministério pastoral afeta negativamente suas famílias; 94% sentem-se sob pressão para ter uma família perfeita.

Segundo o Ministério Oasis<sup>1</sup>, o número de casos de suicídio entre líderes religiosos brasileiros tem aumentado consideravelmente nos últimos anos, bem como o adoecimento e envolvimento de familiares com uso abusivo de drogas. Segundo a instituição, é grande o número de pastores e familiares que procuram apoio psicológico, relatando níveis altos de ansiedade. De Janeiro de 2018 a Janeiro de 2019, seis pastores evangélicos suicidaram no Brasil e esta estatística tem provocado grande preocupação, comoção e dúvidas na sociedade, que procura encontrar respostas a estas questões, tentando entender o que acontece na vida pastoral.

De acordo com a Secretaria de Apoio Pastoral do Presbitério Tocantins da Igreja Presbiteriana do Brasil, o Presbitério possui atualmente, vinte pastores em seu rol de membros. Desses, 20% estão fora da direção de igrejas, 20% estão afastados por adoecimento físico ou mental, 5% por problemas relacionados ao trabalho, 30% das famílias possuem algum membro em adoecimento físico e/ou mental, e 10% dos filhos dos pastores não frequentam a igreja por algum motivo.

Diante disso, este estudo identificou as principais emoções reativas enfrentadas pelos pastores presbiterianos e seus familiares, residentes em Palmas – TO no exercício de sua missão, aprofundando a discussão sobre o tema e proporcionando material para o apontamento de novos caminhos para o cuidado ao pastor e sua família, a partir da igreja local.

Apesar de ser um tema latente, existem poucos estudos científicos que abordam os aspectos emocionais de líderes religiosos e seus familiares e muito menos ainda de famílias de pastores presbiterianos. No entanto, percebe-se que muitos pastores e igrejas buscam encontrar respostas nas mais diversas fontes, levando líderes a procurar cursos de psicologia e psicanálise para tentar entender o fenômeno. Os resultados desta pesquisa deverão contribuir para o avanço do conhecimento da relação entre a psicologia familiar e a religião, e servirão de referência para a compreensão dos fenômenos observados no contexto das famílias pastorais presbiterianas em Palmas.

O estudo em pauta delineou os tipos de emoções e de relacionamento a que este público está sujeito de forma científica, a partir do levantamento e análise discursiva, utilizando o método de pesquisa participativa, onde a autora através de entrevistas buscou o entendimento dos fenômenos emocionais de famílias pastorais presbiterianas residentes em

---

<sup>1</sup> Centro de aconselhamento cristão para pastores e familiares em crise. Oferece temporadas terapêuticas: acompanhamento pastoral e terapêutico em Anápolis-GO e Fortaleza-CE.

Palmas – TO. O estudo em questão parte da inquietação da pesquisadora pela vivência familiar da mesma e da observação dos fenômenos ocorridos no meio presbiteriano em que ela está inserida, atingindo pessoas de seu próprio relacionamento.

O recurso do pensamento sistêmico de segunda ordem foi utilizado no intuito de entender o meio em que esse grupo está inserido, delineando os padrões de relacionamento e a partir desses padrões, estabeleceu-se uma linha de estudo para entender o que acontece neste meio e como a dinâmica da religião influencia no agravamento ou não dos fenômenos relacionais no espaço em que se considera lugar de cura.

Diante do exposto, a presente pesquisa teve como objetivo identificar os principais aspectos relacionais observados em pastores presbiterianos e suas famílias, no município de Palmas – TO no contexto do trabalho pastoral. Para tanto, foram descritos os aspectos históricos das famílias de pastores da Igreja Presbiteriana do Brasil; foi realizado um levantamento sócio demográfico das famílias pastorais presbiterianas residentes no município de Palmas – TO; e delinear-se as principais emoções manifestas, desafios e crises da família do pastor relacionadas ao contexto do trabalho pastoral, nas seguintes categorias: Aspectos sócio demográficos das famílias pastorais; A importância da família no ministério pastoral; A relação da igreja com a família pastoral; Finanças do pastor e sua família; Aspectos emocionais da relação ministerial e familiar.

Este trabalho está estruturado em forma de capítulos. O capítulo dois discorre sobre a Família na História, em seus diferentes estágios de formação ao longo dos tempos a partir da visão de Simionato; Oliveira (2003). O terceiro capítulo deste trabalho aborda os aspectos históricos da Família do Pastor Presbiteriano no mundo e no Brasil nos Séculos XVI ao XXI, desde o surgimento das primeiras famílias pastorais a partir do movimento da Reforma Protestante até os dias de hoje.

O quarto capítulo trata sobre a Família do Pastor Presbiteriano, suas relações e emoções manifestas no contexto do trabalho pastoral e apresenta questões levantadas por diversos autores a respeito do desenvolvimento do trabalho pastoral e suas implicações nas suas relações familiares, em variados aspectos que vão desde o comprometimento dos filhos com o trabalho do pai até questões financeiras da família. O quinto capítulo discute os principais conceitos do Pensamento Sistêmico de Segunda Ordem, desde a Teoria Geral dos Sistemas à Teoria da Comunicação, embasando teoricamente todo o trabalho de pesquisa executado.

## 2 A FAMÍLIA NA HISTÓRIA

A família, uma das instituições mais antigas da história humana ao longo das eras, passou por várias transformações até chegar à forma atual, entendendo que essas transformações continuam a acontecer de forma dialética, de acordo com a evolução da cultura humana. Simionato e Oliveira (2003) traçaram a linha do tempo na constituição da instituição familiar, fundamentando-a a partir de suas funções biológicas, psicossociais e de acordo com sua forma de organização, estruturação social e cultural.

Simionato e Oliveira (2003) fizeram um levantamento da evolução da família, abordando algumas transformações históricas, relacionadas com as mudanças estruturais da sociedade. Essas transformações segundo as autoras afetam a dinâmica de funcionamento da família, as relações entre os seus membros e o desempenho dos diversos papéis sociais no seu interior.

Engels (1982, *apud* SIMIONATO; OLIVEIRA, 2003), pontua três estágios importantes na formação histórica da família, o primeiro estágio seria o Estágio Selvagem considerado a infância do gênero humano, no qual a família é estruturada por grupos em que cada homem pertencia a todas as mulheres e cada mulher pertencia a todos os homens, e a produção econômica era predominantemente de apropriação dos produtos naturais, prontos para a utilização.

O segundo estágio denominado Estágio da Barbárie, cuja família sindesmiótica ou de casal é caracterizada pela redução do grupo à unidade de par ou casal que se constituem respeitando o tabu do incesto, mas sem condicionar sua ligação à obrigatoriedade do casamento intergrupos e, sob a autoridade matriarcal, se ocupam da agricultura e domesticação dos animais.

O terceiro estágio seria o Estágio da Civilização no qual a família é monogâmica com o domínio do homem e cujo objetivo expresso é o da procriação dos filhos e da preservação da riqueza através da herança. Esta época representou concretamente o triunfo da propriedade privada sobre a propriedade comum primitiva (*apud* ENGELS, 1982).

Cabral (2010) informa que no início havia uma promiscuidade muito grande entre os grupos, sem qualquer interdição para o intercursos sexual entre os seres humanos sendo comum o acasalamento dentro do mesmo grupo. Lewis Morgan nomina essa fase como Família Consanguínea. Com a interdição do incesto, os membros de um grupo passam a se casar com os de outro grupo formando a Família Paluana (família por grupos). A Família Sistemática ou de Casal é constituída a partir do casamento no mesmo grupo, respeitando o

tabu do incesto. Morgan também identifica a Família Patriarcal, fundada sobre a autoridade absoluta do patriarca que em geral é poligâmico.

Zimerman e Osório (1997) consideram o que Mead cataloga a respeito da família à luz da evolução dos modelos culturais e seus mitos, dividindo-os em: Culturas Pós-Figurativas, modelo vigente até o advento da era contemporânea onde extrai sua autoridade no passado. Recorrem ao saber dos anciãos e o futuro é visualizado como um prolongamento do passado. O mito prevalente é o do ancião.

Nas Culturas Co-Figurativas há uma reciprocidade de influências entre jovens e adultos pelo surgimento de novas formas de tecnologia em que os mais jovens dominam e detém poder de influência pelo conhecimento. O que conta é o presente e o mito predominante é o do adulto produtivo. É o modelo predominante no mundo atual, especialmente no ocidente.

As Culturas Pré-Figurativas, onde o futuro não é mais o prolongamento do passado, mas tem sua própria identidade, o mito dominante é o do poder do jovem. Apontam para a civilização do terceiro milênio, para a família do futuro.

No seu início, a família tinha uma realidade moral e social, mais do que sentimental. No caso de famílias muito pobres, ela não correspondia a nada além da instalação material do casal no seio de um meio mais amplo, a aldeia, a fazenda, o pátio ou a "casa" dos amos e dos senhores, onde esses pobres passavam mais tempo do que em sua própria casa, quando às vezes nem ao menos tinham uma casa.

Nos meios mais ricos, a família se confundia com a prosperidade do patrimônio, a honra do nome. A família quase não existia sentimentalmente entre os pobres, e quando havia riqueza e ambição, o sentimento se inspirava no mesmo sentimento provocado pelas antigas relações de linhagem. A partir do século XV, as realidades e os sentimentos da família se transformariam. Ariès (1978, p.210) aponta que o sentimento de família era desconhecido da Idade Média e nasceu nos séculos XV – XVI, exprimindo-se definitivamente no século XVII.

Ao se discorrer sobre a família do século XVI, entende-se que as mudanças acentuadas ocorreram, sobretudo, no âmbito sentimental. Por isso, Ariès (1978) analisa o processo de desenvolvimento da família moderna, com o respaldo e influência no sentimento familiar.

Horton (1980) menciona a família conjugal, estabelecida a partir do marido e mulher, equivalendo à família nuclear e continua assegurando que neste tipo de família



consanguínea, a afeição, e a responsabilidade são bastante difundidas entre grupos grandes de pessoas adultas, podendo agir como genitores.

Dá-se início então ao entendimento da família patriarcal, proporcionando uma socialização mais ampla do indivíduo imergido desse contexto, diminuindo as chances de solidão ou mesmo, negligência, pois há um apoio mútuo entre os grupos familiares.

A partir desta percepção, Silva (2016) infere que a família se torna base de apoio significativa para o homem em vários sentidos. Desta forma, ao se deparar com os desafios selvagens da sociedade, o homem busca refúgio na sua vida privada, nas relações pessoais e, sobretudo, na família – último reduto de amor e decência (LASCH. 1991).

No Brasil colônia (1500-1822), a família patriarcal foi predominantemente estabelecida como civilizadora ao impor sua ordem e sua solidariedade a uma ordem social que seria de outra maneira, desorganizada e anômica, sendo as outras organizações familiares, possíveis apêndices e complementos daquela estrutura familiar (TERUYA, 2016).

Nestas circunstâncias, Silva (2016) relata que a trajetória de ocupação do território brasileiro percorreu todos os cantos do país, envolvendo as vivências do campo às grandes cidades, com suas devidas repercussões, e o poder absoluto das famílias patriarcais eclipsaram as outras organizações familiares pré-existentes por toda a nação.

Corrêa (1982) conceitua a família patriarcal como um extenso grupo com um núcleo conjugal, sua prole legítima, agregados, escravos, concubinas e bastardos, todos abrigados sob o mesmo domínio na casa grande ou senzala, sob autoridade do patriarca, dono das riquezas e das terras, dos escravos e do mando político.

Ao mencionar a história da família no Brasil, Freyre (2013) destaca que desde o Século XVI, a família é o grande fator da colonização no País, sendo caracterizada pelo domínio da família rural ou semi-rural. Conforme Silva (2016), a casa grande teve seu marco ao lado da senzala, carimbando em definitivo a história da nação brasileira. Nesta perspectiva, Freyre (2003) pontua que:

A casa grande completada pela senzala representa todo um sistema econômico, social, político, de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o banguê, a rede, cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao *pater* família, culto dos mortos, e outros); de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o “tigre”, a touceira de bananeira o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo). Foi ainda fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa casa de misericórdia amparando os velhos e as viúvas, recolhendo órfãos. (FREYRE, 2003.p. 86)

Enquanto o Brasil vivenciava o patriarcalismo em sua estruturação familiar, desde o Século XVI, a Europa experimentava grandes transformações nos objetivos do núcleo familiar ao permitir que a escola assumisse as questões educacionais, ao invés dos clérigos para se tornar instrumento normal de iniciação social, da passagem da infância para a vida adulta. A igreja também sofre mudanças, afetando fortemente a visão que as famílias tinham de seus líderes religiosos e de seu papel dentro destas famílias.

Com o movimento da Reforma Protestante (Séc. XVI), liderado por Martinho Lutero na Europa Central, muitos líderes que aderiram ao movimento resolveram se casar e romper com o celibato imposto aos padres. Surge então, a casa pastoral que durante séculos foi uma instituição típica das igrejas protestantes e deu contribuições marcantes à cultura ocidental. As igrejas protestantes escolheram por meio de suas práticas, a família nuclear como o tipo de família ideal para seus pastores.

A sociedade brasileira colonial majoritariamente católica trazia para dentro das famílias o altar religioso onde o pároco era a lei e a pessoa a quem se deveria ouvir, mesmo que esse religioso não tivesse nenhuma experiência de relacionamento conjugal, haja vista a Igreja Católica não permitir o casamento de seus párocos.

Apesar das diferenças entre o que acontecia na Europa e a vivência Brasileira, ainda existia algo que unia esses dois mundos, como o grau de parentesco que possibilitou de alguma forma, o fortalecimento dos laços de família, já que a família imperial no Brasil tinha seus laços parentais na Europa, particularmente em Portugal.

O modelo de família patriarcal no Brasil influenciou o desenvolvimento de nossa sociedade em várias áreas tais como a economia, a vida social e política. Sobre o modelo econômico, Samara (2002) ressalta:

No início dos Séculos XVI e XVII, a economia da colônia esteve basicamente assentada nas plantações de cana do Nordeste. Nos engenhos do mundo rural, as famílias viviam nas mansões assombradas, cercadas de escravos e dependentes. Nas uniões legítimas, o papel dos sexos estava bem definido, por costumes e tradições apoiados nas leis. O poder de decisão formal pertencia ao marido, como protetor e provedor da mulher e dos filhos, cabendo à esposa o governo da casa e a assistência moral à família (SAMARA, 2002. p.2)

Percebe-se que este cenário da conjuntura brasileira à época, remete ao patriarcado de forma incisiva, onde a mulher não possuía nenhuma força de decisão sobre os negócios da família a não ser o de cuidar dos interesses domésticos, o cuidado dos filhos e da assistência aos necessitados. No âmbito social, a mulher era nominada de guardiã da moral e dos bons

costumes, sofrendo muitas vezes, com a infidelidade do marido e até maus tratos velados quando não lhe fazia as vontades.

Em relação à influência social da família brasileira na época colonial, Viana (1999) aponta uma sociedade organizada sob o comando das “Famílias Senhoriais” que comandavam os clãs parentais, estabelecendo o sistema de escravidão, dispersão populacional e descentralização administrativa.

A sociedade da época era vista através dos seus tipos e instituições sociais com seus devidos usos e costumes. Segundo o autor, os tipos sociais demarcavam o lugar dos indivíduos na sociedade: o coronel, o oligarca, o genro, o sobrinho, o afiliado, o capanga, o cangaceiro, entre outros.

Segundo Silva (2016), a hegemonia da família no desenho colonial patriarcal começa a se transformar a partir da Revolução Industrial, quando as atividades rurais migram para as atividades de indústria e comércio e o modelo de família patriarcal colonialista muda para o modelo de família conjugal moderna e estas mudanças ocorrem com as inovações do contexto social como um fenômeno global.

Lasch (1991) ao escrever sobre as transformações da instituição familiar no contexto da Revolução Industrial, mediante as grandes explosões demográficas e a migração do homem do campo para as grandes cidades, relata:

A história da sociedade moderna é a afirmação do controle social sobre atividades antes relegadas aos indivíduos ou às suas famílias. No primeiro estágio da Revolução Industrial, os capitalistas retiraram a produção do âmbito doméstico e a coletivizaram, sob sua própria supervisão, na fábrica. Em seguida apropriaram-se das habilidades e conhecimentos técnicos dos trabalhadores através da administração científica e uniram suas habilidades sob uma direção administrativa. Finalmente estenderam seu controle também à vida privada dos trabalhadores, quando médicos, psiquiatras, professores, orientadores infantis, funcionários da justiça de menores e outros especialistas começaram a supervisionar a educação das crianças, tarefa que antes pertencia à família (LASCH. 1991, p.21).

Nesta direção, a transformação observada nas relações familiares advindas das modificações estruturais, culturais e sociais da sociedade brasileira, atinge as mudanças de papéis dentro do contexto familiar, quando a mulher passa a ter um novo papel de provedora em igualdade ao homem nos aspectos econômicos, uma vez que também precisa trabalhar para ajudar na provisão dos cuidados dos filhos e da casa, cujo efeito também é sentido na diminuição do número de filhos por casal.

Dentre os desafios que a nova família encontra está a apropriação dos espaços antes ocupados apenas pelos homens, pelas mulheres e os jovens. Giddens (2005) registra que o feminismo teve grande impacto na sociologia ao desafiar a visão da família como um domínio harmonioso e igualitário que imprimia às mulheres um lugar de solidão ao se dedicar a um ciclo interminável de assistência aos filhos e cuidados domésticos.

Outra questão importante a ser considerada na história familiar está nas relações da família com os seus jovens. O jovem antes tinha responsabilidades sobre o legado da família, devendo perpetuar o nome e os negócios da mesma, o que gerava na maior parte das vezes, um laço de continuidade para aquela família.

Para Foracchi (1977), o jovem moderno em sua condição de estudante, entende que sua dependência econômica não o responsabiliza por qualquer compromisso de retribuição, considerando no seu entender, ser esta uma obrigação da família, gerando conflitos que afetam diretamente as relações familiares.

Segundo Silva (2016), a família está inevitavelmente inserida no contexto social de mudanças e transformações, especialmente no mundo moderno, comparado à sociedade tradicional. Hall (2004) aponta que as sociedades modernas são por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente, sendo esta a principal distinção entre as sociedades tradicionais e modernas.

Ao longo da história puderam-se observar as transformações que a família passou enquanto instituição social no contexto global de sociedade, com sua complexidade inerente, enquanto conjunto de elementos independentes que interagem com objetivos comuns, formando um todo e onde cada um dos componentes por sua vez comporta-se como um sistema cujo resultado é maior do que o resultado que as partes poderiam ter se funcionassem de forma independente (BOUSSO, 2008).

Todos os aspectos vislumbrados estão presentes nas diversas formatações familiares atuais, e as famílias pastorais não se privam desta realidade, sofrendo os embates peculiares do processo nas relações entre igrejas, sociedade e indivíduos, criando redes interativas para minimizar os problemas que surgiram e que ainda surgirão no contexto religioso e social, num sistema determinado por problemas.

### **3 A FAMÍLIA DO PASTOR PRESBITERIANO NO MUNDO E NO BRASIL NOS SÉCULOS XVI A XXI**

Segundo Silva (2016), a análise histórica da família do pastor protestante nos oferece subsídios para compreendermos melhor a família do pastor presbiteriano desde os primórdios da Reforma Protestante do Século XVI até a chegada do presbiterianismo no Brasil.

O protestantismo tem sua origem mais remota datada do Século XVI com o movimento da Reforma Protestante (1517) que, através do monge alemão Martinho Lutero (1483-1546), questionava os rumos do catolicismo medieval e seus desvios das Sagradas Escrituras.

Para além das questões doutrinárias que fizeram constar os protestos de Lutero, estava o questionamento da vida celibatária e não casta dos clérigos (padres, monges, freiras, entre outros) e a necessidade dos reformadores de observarem nos escritos bíblicos, a importância que Jesus e os apóstolos deram ao matrimônio e ao papel da mulher no ministério evangelístico.

No Novo Testamento, Jesus dá atenção especial ao matrimônio, quando privilegia uma festa de casamento como palco para o seu primeiro milagre, no início de seu ministério. De acordo com o evangelista Lucas (8.1-3), Jesus se fez acompanhar de mulheres tais como Maria, Marta, Maria Madalena, Joana, Suzana e as elevou a um patamar incomum às mulheres de sua época. Os apóstolos por sua vez também tiveram a participação efetiva de mulheres em seus ministérios pastorais, como Lídia, Dorcas, Eunice e Priscila. Grande parte dos apóstolos de Jesus eram casados.

Conforme Haykin (2017), apesar de não ter sido o primeiro reformador a se casar e constituir família, o casamento de Lutero com a ex-freira Katharina von Bora em 13 de junho de 1525, deu-lhe seis filhos e sua família tornou-se, em muitos aspectos, o ideal paradigmático para a família protestante. Sua esposa foi uma grande companheira ajudando-o nas questões físicas, emocional e financeira. Segundo o autor, Lutero diz que deve sua saúde mental a ajuda prestimosa de sua esposa Katharina.

Outro nome importante dentre os reformadores protestantes está João Calvino (1509-1564), a quem o presbiterianismo deve seu início. Ele também queria uma esposa que, segundo Haykin (2017), ao falar com seu amigo William Farel, procurava por uma mulher que fosse “casta, sábia, econômica, paciente e capaz de cuidar de minha saúde.” Casou-se com a viúva Idelle de Bure em 1540, com quem teve um filho, morto logo após o nascimento. Seu casamento durou oito anos e sobre a morte de sua esposa, escreveu:

Verdadeiramente a minha dor não é comum. Estou desprovido da melhor amiga da minha vida, de alguém que, se fosse ordenado, teria voluntariamente compartilhado não somente a minha pobreza, mas também a minha morte. Durante a sua vida ela foi a ajudadora do meu ministério (JOÃO CALVINO, 1548)

Percebe-se na fala de Calvino a posição que a mulher ocupava em seu lar e seu ministério. O amor conjugal era algo construído com o tempo e os interesses para o casamento de um pastor era que os dois pudessem se apoiar no ministério pastoral. Para tanto, fazia-se necessário uma escolha criteriosa de alguém que suprisse as necessidades do trabalho do pastor quase que em primeiro lugar.

Semelhantemente, John Knox (1513 – 1572), se destaca como fundador do presbiterianismo na Escócia. Knox se casou com Marjorie Bowes em 1555, depois de conturbada relação familiar, pois seus pais não aceitavam o casamento da filha por questões doutrinárias contrárias à reforma protestante. Esse casamento, no entanto, durou apenas cinco anos, culminando com a morte de Marjorie em 1560, deixando dois filhos. Nathanael (3 anos e meio) e Eliezer (2 anos). Calvino lhe escreveu uma carta, demonstrando sua solicitude e condolências. (SILVA, 2004).

Anos mais tarde já no Século XIX, Ashbell Green Sigmonton (1833-1867), o fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil, chega ao Rio de Janeiro em 1859. Foi o nono filho, o caçula, de uma família piedosa. Seu pai era presbítero, médico e político, tendo sido duas vezes eleito deputado para o Congresso Nacional. Sigmonton (1833-1867) foi consagrado ao ministério da Palavra no batismo infantil. Em 1859 veio para o Brasil como missionário (LOPES, 2001).

Segundo Lopes (2001), ao saber da enfermidade da mãe, Sigmonton (1833-1867) deixou o Brasil e retornou aos Estados Unidos. Mas, ao chegar, ela já havia falecido. Sigmonton ficou então um ano em seu país de origem. Em 1863, casou-se com Helen Murdock. Após dois meses de casado, regressou ao Brasil e em 19 de junho 1864, nove dias após nascer-lhe a filha Helen, sua adorável esposa morreu, deixando-o em profunda tristeza.

Diante desses fatos que marcaram a vida familiar dos ícones do protestantismo no Brasil e no mundo, percebe-se até hoje, que a família do pastor envolve sua identidade relacional entre profissão e igreja e com isso cria-se uma família ideal no imaginário das igrejas, onde a esposa do pastor deve cuidar da casa, dos filhos e participar do ministério do pastor. Por sua vez, os filhos do pastor devem ser modelo para os filhos da membresia,

dotados de todos os dons musicais, de comportamento, mesmo que sujeitos a todos os problemas que qualquer outra criança, adolescente ou jovem.

Silva (2016) enfoca essa relação entre a família do pastor e a igreja em que naturalmente a igreja tem uma perspectiva sobre a mulher do pastor e seus filhos, por terem uma projeção na comunidade, e em consequência, uma carga de cobranças, inserindo-os na teoria dos conflitos de papéis, quando as expectativas entre o papel desenvolvido pelo pastor e a relação com sua família, deparam-se quase sempre com a questão da tensão nos papéis desenvolvidos.

Com relação ao conflito de papéis, Salem (1980, *apud* SILVA, 2016, p. 25,26) relata que o conflito de papéis engloba dois aspectos analítica e empiricamente distintos. De um lado, as expectativas do desempenho recaem sobre um ator, pelo fato de ocupar uma determinada posição social. Por outro lado, o conceito de papel também se refere ao desempenho realizado por um ator no exercício de sua função.

A história da família protestante é carregada de nuances de envolvimento do ministério pastoral na vida íntima familiar, e os pastores procuravam para esposas, pessoas que tivessem afinidade com o meio eclesiástico. Ex-freiras, missionárias, pessoas ligadas ao exercício religioso, a exemplo de Lutero. Como eram desbravadores de territórios, muitos foram para lugares inóspitos e perderam filhos e esposas muito cedo, gerando grandes traumas em suas vidas e trabalho (SILVA, 2016).

Nessa temática, de acordo com Silva (2016), há um dinamismo marcado por idas e vindas, sobretudo por muitas mudanças em sua estrutura e comportamento. Uma das grandes mudanças observadas, segundo o mesmo autor, refere-se ao papel da mulher com relação ao trabalho externo, trazendo consequências diretas para a estrutura e funcionamento da família pastoral.

Se por um lado, é possível sentir um avanço na conquista das mulheres para além do seu papel de esposa e mãe, e reconhecidamente do seu papel de profissional em outras áreas da vida, conquistando seu espaço na sociedade, por outro lado, a família pastoral passa a herdar um problema com relação à criação e educação dos filhos, bem como a cobrança pela ausência da esposa junto ao ministério do pastor.

#### **4 A FAMÍLIA DO PASTOR PRESBITERIANO, SUAS RELAÇÕES E EMOÇÕES MANIFESTAS NO CONTEXTO DO TRABALHO PASTORAL**

Discorrer sobre as relações e emoções manifestas pelas famílias dos pastores presbiterianos em seu contexto de trabalho pastoral, não é uma tarefa fácil. Não pela inexistência de situações inerentes ao contexto, mas, sobretudo pela escassez de estudos científicos que embasem essa questão tão latente na vida das famílias pastorais.

Dusilek (2009) aponta que uma das razões da escassez de estudos sobre esse tema é pelo receio da exposição aberta sobre assuntos relacionados aos pastores e suas famílias. Também pelo desinteresse por parte das pessoas de ler sobre o tema “família de pastor”, como se esse tipo de família não tivesse algum sofrimento característico e específico do contexto pastoral.

Silva (2016) enfoca que o grande diferencial na formação de família para o pastor em relação aos demais tem a ver com sua função. Segundo o autor, é uma realidade bastante distinta porque este líder está com a sua família no convívio de suas atividades e por isso se torna alvo de olhares e cobranças do povo. Portanto, requer-se desta instituição um modelo exemplar em todas as áreas possíveis do comportamento.

Silva (2016) afirma que a família do pastor, entre outras prerrogativas, tem função muito importante na relação e contribuição na vida ministerial, podendo ser uma base de sustentação para a atividade pastoral e servir de referência em muitos sentidos para a sociedade na qual está inserida.

Na visão de Silva (2016), a família do pastor não é diferente das demais e é formada mediante um sistema que a entrelaça em todos os sentidos da vivência comunitária. Valburga (1995, *apud*, SILVA, 2016, p. 139) menciona que, “esta visão da família como sistema implica que cada indivíduo depende de todos os outros quanto ao seu bem estar. Os problemas e conflitos de um afetam a todos”.

Conforme Purin (2015), as crises familiares são comuns e as famílias pastorais têm sido atingidas em diversas situações. Problemas conjugais mal resolvidos têm resultado em adultério, traição, separação e até divórcio. Filhos fora da igreja, envolvidos com drogas, e os pais sofrem humilhação diante da igreja com comentários maldosos e maledicentes.

Conforme Dusilek (2009), a expectativa impressa ao pastor, esposa e filhos pela sociedade evangélica, de uma forma geral, acarreta problemas na vida da família pastoral e estas famílias precisam estabelecer limites no início da convivência com as pessoas da igreja na qual o marido exerce seu trabalho. Segundo a autora, há pessoas que reconhecem o espaço da família pastoral e só ultrapassam a linha de convivência se percebem que lhes dão



permissão. Outras, porém, invadem literalmente a casa pastoral e para não ofendê-las, as esposas acabam tendo sérios problemas de relacionamento com o marido e os filhos.

A privacidade da família do pastor é um problema que, segundo Dusilek (2009), deve ser tratada com maturidade pelo casal, que é quem deve estabelecer os limites dentro da casa, tomando o cuidado para não se isolar completamente da comunidade, passando a viver no mundo da família do pastor, sem o intercâmbio de amizades, que são benéficas para todos.

Outra questão abordada por Dusilek (2009) é o fato de, devido a constantes mudanças a que a atividade pastoral os obriga, não têm oportunidade de criar raízes, especialmente quando um dos cônjuges viveu parte de sua vida acostumada a estar perto da família de origem e de uma hora para outra, vê-se morando longe, em lugares de difícil acesso. Segundo a autora, essa sensação de ser uma pessoa sem raízes, pode gerar problemas relacionais especialmente para as crianças e adolescentes, podendo acarretar conflitos emocionais em suas vidas no futuro. As constantes mudanças prejudicam a família, o estudo dos filhos, as questões financeiras e caso a esposa seja profissional com trabalho externo, também será afetada por essas mudanças.

A adaptação no novo local de trabalho também pode ser um desafio para a família pastoral. Dusilek (2009) enumera alguns problemas advindos dessa fase adaptativa. Adaptação à nova casa que nem sempre segue o mesmo padrão da anterior; o ajuste dos horários domésticos e deveres para com os filhos que vão à escola; a própria mudança de escola para os filhos; adaptação com o clima, demandando tempo e energias; as cobranças para assumir cargos na igreja; enfrentar as comparações que são feitas com a família do pastor anterior, dentre outras que provocam situações de desgaste emocional dada a complexidade do movimento provocado pela mudança.

Dusilek (2009) conclui que a chegada a um novo local de trabalho é difícil e precisa ser considerada nos mínimos detalhes para que a permanência se torne saudável e duradoura. Porém, sair também é um desafio tão ou mais doloroso que a chegada, pois laços são rompidos e são dois momentos marcantes na vida do pastor e sua família.

São muitos os desafios enfrentados pelo pastor presbiteriano e sua família e esses desafios são absorvidos por cada membro, de acordo com seu grau de resiliência. Uma das grandes dificuldades enfrentadas pela família pastoral diz respeito à sua vida financeira, pois afeta uma das áreas mais importantes que é o da subsistência e é, muitas vezes, palco de sérios conflitos familiares.

Silva (2016) relata que a vida financeira do pastor presbiteriano e sua família é algo preocupante devido a sua relação com a igreja e o desafio de ser referência para a comunidade que lidera. De acordo com Araújo (1979 *apud* Silva 2016, p 3), culturalmente o pastor exerce um padrão nível A, pois geralmente tem curso superior, ou se preocupa em se manter bem informado, porém em termos financeiros, está no padrão C e esses dois níveis, segundo o autor, se chocam especialmente com relação aos filhos que convivem com pessoas de melhores condições financeiras, estudam em colégios particulares (com bolsas de estudo) e sabem o que os adolescentes com quem convivem gostam e possuem, no entanto, os filhos do pastor não têm acesso a esses bens, tornando-se um fator de revolta, frustração e inconformismo.

Campos (1987) relata sobre a vida financeira do pastor presbiteriano e sua família da seguinte forma:

A vida financeira do agente religioso é um fator importante na análise de sua carreira. Diferente dos agentes católicos (padres, freiras), ele tem esposa e filhos. A sua carreira não consegue se desvincular das expectativas normalmente presentes num assalariado qualquer. Como outros, ele sente ansiedade quando o salário não lhe permite fazer alguma “extravagância”. Vez ou outra necessita conversar com o conselho da igreja. [...] Muitas vezes, por traz desse pedido estão reclamações e pressões da esposa e dos filhos (CAMPOS, 1987, P.174).

Não são incomuns nesta situação, as igrejas não serem suficientemente capazes de acolher as demandas do pastor quanto ao aumento de salários, o que acarreta à família do pastor uma cobrança maior para que a esposa ou até mesmo o pastor tenha outro vínculo capaz de suprir as necessidades. O pastor não pode ter dívidas, pois isto incorreria em mau exemplo perante sua comunidade religiosa e junto à sociedade, logo, sua família em algumas situações é pressionada a procurar atividades remuneradas fora do lar.

Para além das questões financeiras na vida da família dos pastores presbiterianos, está a posição dos membros dessa família frente à sociedade e à igreja. Inicialmente, a questão que se levanta especialmente para as esposas de pastores é que, segundo Dusilek (2009), elas não possuem uma identidade própria.

A esposa de pastor parece realmente alguém a quem se esqueceram de dar um nome quando ela nasceu nessa nova família – a família pastoral. Raramente pronunciam o seu nome. “... É uma mulher sem identidade própria que vive à sombra do marido, mulher sem nome” (DUSILEK, 2009 p.11).

Esta experiência nem sempre é bem vista pelas mulheres de pastores com qualificações profissionais, ou que não tenham uma profissão liberal ou exerçam atividades

seculares, pois podem se sentir anuladas em suas identidades. A condição de esposa de pastor passa a ser uma função e um rótulo, sendo discriminatório para mulheres conscientes de seu papel na igreja e na sociedade, e traz como consequência, uma identidade deformada de quem realmente são enquanto mulheres (FURMAN, 2016).

Conforme Furman (2016), apesar da ausência do papel formal da esposa do pastor na igreja local, muitas são vistas como um membro da equipe, uma diaconisa honorífica e, até mesmo, co-pastora, causando em algumas delas, o sentimento de pressão e solidão.

Dusilek (2009) afirma que algumas denominações religiosas instituíram o termo “pastora” a quem ocupa essa posição, por vocação e delegação. Outras pessoas usam o termo num tom de consideração pela figura da esposa do pastor, e a mulher assume então um espaço apenas pelo fato de ser casada com um pastor, sem nenhum preparo para tal. Esse novo vínculo nem sempre é entendido de forma coerente pelas igrejas e muito menos pelas famílias pastorais, podendo gerar inclusive, competições internas dentro das próprias famílias.

Conforme Dusilek (2009) existem várias razões para denominarem a esposa de pastor como “pastora”: primeiro por sua competência e capacidade no trabalho junto ao esposo, assumindo inclusive a liderança, o que pode provocar sérios transtornos à família, pois a igreja muitas vezes continua com o pastor, pelo trabalho valoroso da esposa, por sua capacidade com a música, com os jovens e crianças ou mesmo por sua liderança junto ao trabalho feminino, provocando uma competição pelas competências de cada parte.

Segundo a Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil no Artigo 25, § 2, os ministros presbiterianos deverão ser homens, maiores de dezoito anos e civilmente capazes, portanto, não adota esta terminologia à esposa do pastor, por considerar que o pastorado é um ofício e para tal deve haver capacitação acadêmica e ordenação oficial pelo presbitério, entendendo como presbitério, a reunião de conselhos eclesiásticos e administrativos de igrejas de um dado território, conforme a hierarquia eclesiástica da Igreja Presbiteriana do Brasil (Constituição da IPB Artigos. 32 a 38).

Santos (2016) concorda que ser esposa de pastor é uma tarefa gloriosa, no sentido de estar auxiliando num ministério do qual acredita, porém árdua. No entanto, a autora enfoca as expectativas que esta posição evoca na família, marido e especialmente na igreja e sociedade, gerando, por vezes, instabilidade nas relações.

Além de esposas de pastores, elas têm que ser “pastoras”, cuidar, zelar, vigiar, atuar como se fossem enfermeiras, psicólogas (ouvindo reclamações e histórias tristes), devendo

ter habilidades para as quais nem sempre estão preparadas e sequer são reconhecidas pelos nomes próprios (SANTOS 2016).

Os filhos por sua vez, também passam por processo semelhante ao de não reconhecimento de identidade. Purin (2015) relata que a aceitação pelos filhos do trabalho do pai, depende grandemente de como são construídos e repassados a eles, os conceitos e a importância desse trabalho: como privilégio ou frustração.

Ainda de acordo com Purin (2015), a cobrança é outro entrave na vida dos filhos de pastor. A igreja cobra, os crentes cobram e às vezes, os próprios pais disciplinam a criança justificando “porque é filho de pastor”. Não reconhecem que antes de ser filho de pastor, esse indivíduo é uma criança, um adolescente ou jovem com todos os direitos e deveres dos demais.

O processo de socialização da família pastoral é algo crucial para o bom desempenho das funções pastorais e para o desenvolvimento da família como um todo, no entanto, conforme Silva (2016), nesse quesito, a postura de relacionamentos das famílias pastorais com as demais pessoas, muitas vezes não está condizente com o que se espera do seu envolvimento na experiência de grupo, o que faz com que esta família se torne solitária por não poder compartilhar suas angústias e dificuldades com as pessoas da igreja, muito menos com os colegas de trabalho, o que os torna fechados em si mesmos.

Ainda segundo Silva (2016), na perspectiva sistêmica, a família é um subsistema que envolve todos os seus tornando inevitável a incorporação de problemas que herdamos, e por não terem mais capacidade de filtrar devidamente os acontecimentos, são passíveis de sofrerem consequências tristes e marcas profundas que acompanharão por toda a vida, em forma de adoecimento emocional.

Quanto à questão do adoecimento psíquico, Gomes (2012) observa que o estresse emocional está entre uma das maiores causas de adoecimento dos pastores, tais como: obesidade, problemas cardiovasculares, diabetes, depressão, entre outras.

## 5 PRINCIPAIS CONCEITOS DO PENSAMENTO SISTÊMICO

### 5.1 Teoria geral dos sistemas

A Teoria Geral dos Sistemas tem sua origem na biologia e na teoria organísmica, a partir dos estudos de Ludwig von Bertalanffy (1901-1972), na década de 1920 no continente europeu e em países anglo-saxões. Capra (1999) afirma que vários teóricos utilizaram os termos “sistema” e “pensamento sistêmico”, mas foram as concepções de Bertalanffy (1901-1972) de um sistema aberto e de uma teoria geral dos sistemas que estabeleceram o pensamento sistêmico como um movimento científico de primeira ordem.

Conforme Durand (1992), o conceito de sistema teve um progresso em vários ramos da ciência e da técnica, ao longo dos três ou quatro últimos decênios, especialmente das grandes operações militares na Segunda Guerra Mundial. O autor cita pelo menos cinco nomes importantes como “inventores” deste novo conceito: Ludwig von Bertalanffy, que em 1954 funda a Sociedade para o Estudo dos Sistemas Gerais, Norbert Wiener, autor da célebre obra “Cybernetics” (1948), aproximando a neurologia e a fisiologia com a matemática e engenharia, ao observar uma certa semelhança entre as anomalias de comportamento de dispositivos de pontaria automática para canhões aéreos usados na Segunda Guerra Mundial e certas irregularidades no homem, após lesões do cerebelo.

Shannon, autor da obra “Teoria matemática da comunicação”, McCulloch, neuropsiquiatria iniciante dos trabalhos sobre inteligência artificial e fundador da ciência biônica e J.W. Forrester, engenheiro eletrotécnico, a partir de 1960 ampliaram o campo da nova teoria dos sistemas à dinâmica industrial, elaborando uma “dinâmica geral dos sistemas”.

Conforme Bertalanffy (2015) a Teoria Geral dos Sistemas (TGS), é uma teoria interdisciplinar capaz de proporcionar princípios gerais para todas as ciências envolvidas demonstrando que podem ser vistas de uma mesma forma (isomorfismo), com uma compreensão de dependência recíproca de todas as disciplinas e da necessidade de integração entre elas, desenvolvendo princípios unificadores que atravessam “verticalmente” o universo das ciências individuais.

Enquanto a abordagem clássica apresenta os conceitos de reducionismo, do pensamento analítico e do mecanicismo, a abordagem sistêmica é traduzida pelos conceitos expansionistas, o pensamento sistêmico e a teleologia. Os sistemas podem ser abertos, em constante interação com o ambiente, competindo com outros sistemas e subsistemas, com capacidade de mudança, crescimento e adaptação, ou fechados, sem interação com o

ambiente e seu estado atual ou final será sempre o inicial e o original (BERTALANFFY 2015, p.64-73.).

Segundo Bertalanffy (2015), o conceito de “sistema” tem influenciado a psicologia e a psiquiatria. De acordo com o autor, os fenômenos da vida são encontrados somente em entidades individuais denominadas de organismos e qualquer organismo é um sistema intrinsecamente ativo, numa ordem dinâmica de partes e processos em mútua interação.

Allport (1961) informa que igualmente aos organismos, os fenômenos psicológicos só se encontram em entidades individualizadas, que no homem são chamadas de personalidades. “Seja lá o que for a personalidade, ela tem as propriedades de um sistema” (p.109).

Bertalanffy (2015) define sistemas como um conjunto de elementos em interação e na psicologia esses elementos são partes envolvidas com responsabilidades compartilhadas na construção do todo. Para Wilden (1972), o conceito de sistema se refere aos modos em que acontecem as relações ou conexões entre os elementos e as relações entre as relações. Assim, um elemento se conecta a outro estabelecendo subsistemas que, a partir de suas interfaces, constituem novos sistemas que se relacionam entre si.

Bertalanffy (2015) conceitua quatro elementos importantes na Teoria Geral dos Sistemas: a entropia, a entropia negativa, a homeostase e a homeorese. A entropia define o grau de desordem de um sistema, no qual por falta de comunicação ou por ignorância, os padrões de autoridade, as funções e a hierarquia de uma organização formal são gradativamente abandonados. Nesta situação, a entropia aumenta e a organização vai se reduzindo a formas gradativamente mais simples e rudimentares de indivíduos ou grupos; a entropia negativa ou N é definida como o suprimento da informação adicional capaz, não apenas de repor as perdas das mesmas, mas também, de proporcionar a integração e a organização no sistema;

A homeostase ou homeostasia é um equilíbrio dinâmico obtido através da auto regulação, ou seja, através do autocontrole. Na homeostase, cada parte do organismo funciona normalmente em um estado de equilíbrio devendo manter esse a estabilidade interna. Sempre que uma de suas partes sai do equilíbrio, algum mecanismo é acionado para restabelecer a normalidade e a homeorese envolve uma reorganização interna quando esta organização se torna incapaz de absorver as perturbações do meio exterior, buscando a homeostase (BERTALANFFY 2015).

Baseada na teoria de von Bertalanffy (1972), Calil (1987) diz que a família pode ser considerada um sistema aberto, devido ao movimento de seus membros dentro e fora de uma

interação uns com os outros e com sistemas extrafamiliares (meio-ambiente, comunidade), num fluxo recíproco constante de informação, energia e material, Segundo a autora, a família tende a funcionar como um sistema total. As ações e comportamentos de um dos membros influenciam e simultaneamente são influenciados pelos comportamentos de todos os outros.

Segundo Calil (1987) esse conceito evidencia algumas propriedades dos sistemas abertos que ajudam a compreender a organização e o funcionamento da família. A primeira propriedade é a ideia de globalidade em que toda e qualquer parte de um sistema está relacionada com as demais de tal forma que as mudanças numa parte provocarão mudanças nas demais e conseqüentemente, no sistema como um todo.

Para Calil (1987), a segunda propriedade dos sistemas é o conceito de retroalimentação ou *feedback* em que as partes de um sistema se unem através de uma relação circular de tal forma que a família, segundo o modelo sistêmico, pode ser vista como um circuito de retroalimentação, dado que o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas.

Esteves de Vasconcellos (2016) propõe uma nova forma de pensar do cientista, diferente do pensamento tradicional cujo olhar é reducionista do foco, com causalidade linear, utiliza-se o verbo ser e perguntas focadas nas coisas e nos conteúdos, enquanto, segundo a autora, a nova visão dentro do pensamento sistêmico novo-paradigmático teria o foco ampliado, como causalidade circular, utilizando-se do verbo estar, com perguntas que observem o contexto e as falas, com a atenção voltada para as relações que estabelecem entre si. De acordo com o pensamento sistêmico novo-paradigmático, não somos, mas estamos, pois a realidade sempre depende do olhar do observador e é dinâmica, não estática.

Esteves de Vasconcellos (2016), citando Capra (1966), desenvolve uma nova concepção do Pensamento Sistêmico como uma mudança de paradigma e faz uma relação entre o cientista novo-paradigmático e a ciência tradicional. O foco da ciência tradicional está na teoria e nas técnicas como um pensamento sistêmico de primeira ordem, enquanto o cientista novo-paradigmático apresenta três dimensões num único novo paradigma da ciência: a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade como um pensamento sistêmico de segunda ordem.

No livro “Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência” a autora Maria José Esteves de Vasconcelos discorre sobre o pensamento sistêmico no que se refere a uma forma de contemplar o mundo a partir de três dimensões da ciência contemporânea, considerando o

cientista com visão sistêmica ou da ciência novo-paradigmática, sendo parte ativa no mundo no qual ele vive, interage e modifica (ESTEVEES DE VASCONCELLOS, 2013).

Esteves de Vasconcellos (2012) destaca essas três dimensões que, segundo a autora, constituem uma visão de mundo sistêmica: primeiro, ver sistematicamente o mundo é ver e pensar as relações existentes em todos os níveis da natureza e buscar sempre a compreensão dos acontecimentos, levando em consideração a complexidade do mundo.

A segunda dimensão proposta por Esteves de Vasconcellos (2012) é observar o dinamismo das situações, reconhecendo que o mundo está em “processo de tornar-se” com ocorrências que nem sempre podemos controlar, porém, acreditando nas possibilidades de mudança e evolução dos sistemas. E a terceira dimensão, reconhece que não existem realidades objetivas, pois vamos constituindo as realidades físicas, biológicas ou sociais, à medida que interagimos com o mundo (ESTEVEES DE VASCONCELLOS, 2012, p.92).

Considerando o processo terapêutico, a sistêmica pode estender-se para além de outras definições. Os atendimentos realizados com uma só pessoa devem ter por parte do profissional um olhar mais amplo, enquanto realiza sua observação. Contudo se a teoria sistêmica estiver presente no setting terapêutico, o psicólogo deverá voltar-se também para a família do indivíduo, pontuando as informações que serão úteis durante a terapia. O processo de observação pode ser visto a partir da relação e interação do paciente com a família, mas também com o próprio terapeuta (ESTEVEES DE VASCONCELLOS, 2010).

Ainda segundo Esteves de Vasconcellos (2016), no que tange a ciência tradicional a problemática apresentada durante a sessão tem origem individual, enquanto que no pensamento sistêmico a causa do problema pode ter relação com outros indivíduos, como por exemplo, algum membro da família.

O pensamento sistêmico implica diretamente na terapia familiar. O terapeuta italiano Gianfranco Cecchin (1991 *apud* ESTEVEES DE VASCONCELLOS, 2016) especialista em terapia familiar, deu ênfase na necessidade de inserir sempre a forma sistêmica na terapia. É importante salientar que a ciência tradicional está pautada em três conceitos-chaves, simplicidades, estabilidade e objetividade, enquanto que a ciência como novo paradigma aponta três novos pressupostos a complexidade, instabilidade e intersubjetividade.

Simplicidade é mudada por complexidade que busca a contextualização dos fenômenos e reconhece a causalidade recursiva; Estabilidade é mudada por instabilidade que entende que o mundo está em processo dinâmico de constantes transformações e a consequente imprevisibilidade de alguns fenômenos; Objetividade é mudada por intersubjetividade e reconhece que não há uma realidade independente do observador, que o conhecimento



científico é construção social, em espaços consensuais, por diferentes sujeitos/observadores (ESTEVEZ DE VASCONCELLOS, 2010).

Vale ressaltar que a mudança do paradigma não implica na destruição ou substituição do paradigma tradicional, é somente visto de outra forma pelo pensador sistêmico, pois ele foca nas relações.

Segundo Aun, (2007), Goolishian e Winderman (1989/1988) propõem um conjunto de noções coerentes com os três pressupostos do pensamento sistêmico novo-paradigmático: complexidade, instabilidade e intersubjetividade, proporcionando uma alternativa de solução ao problema de como dividir o sistema amplo para atendê-lo, sem perder sua complexidade.

De acordo com Goolishian e Winderman (1989/1988 *apud* AUN, 2007 *et. al*), o sistema familiar, bem como qualquer outro sistema social, é definido como um sistema linguístico, que corresponde à concepção da família e de outros sistemas sociais, como sistemas cuja organização é distinguida como uma rede de conversações.

Conforme Aun, *et al* (2007), Goolishian e Winderman abandonam os modelos de tratamento tradicionalmente “definidos por conceitos tais como individual, conjugal, familiar e outros sistemas sociais mais amplos” (p.23) e propõem que, ultrapassando as relações de consanguinidade e os limites organizacionais e legais, possam manter a complexidade do sistema abordado, a partir da noção de Sistema Determinado pelo Problema – SDP.

Aun *et al* (2007 *apud* Goolishian e Winderman, 1998/1988) definem SDP da seguinte forma:

A partir daqueles que estão ativamente comprometidos em uma interação linguística [...], enfrentando um problema, ou estando em posição antagônica. O SDP se constitui de todos aqueles que estão envolvidos na definição do problema como um problema, inclusive o profissional ou a equipe de atendimento [...]. Como se vê, a definição do sistema a partir do problema considera a complexidade do sistema (AUN et al, 2007, p.35).

Nessa perspectiva cabe ao terapeuta, a criação de um campo consensual, em que os critérios de definição sigam os parâmetros da comunicação entre o terapeuta e o cliente a partir do consenso de que vivenciam um problema. Isso se dá também nas redes de significados tais como: grupos comunitários, agrupamentos ideológicos, pessoas que se juntam a partir de um problema, ou seja, Sistemas Determinados por Problemas (SDP).

## 5.2 Teoria da comunicação

Segundo Cunha, *et al* (2009), a teoria da comunicação, baseada nas pesquisas desenvolvidas por Bateson, Jay Haley, Don Jackson e Weakland é uma dimensão fundamental da teoria familiar sistêmica. Segundo a autora, a partir dos estudos sobre padrões comunicativos nas famílias esquizofrênicas, chegou-se ao conceito de duplo vínculo.

Bateson define duplo vínculo como mensagens em que o emissor envia comunicações incongruentes em relação aos níveis de informações metacomunicativas, de tal forma que o receptor fica em um impasse. Um exemplo dado por Cunha, *et al* (2009) é o da mãe que diz ao irmão mais novo: “você pode escolher entre a blusa verde ou preta, mas já dei a preta ao seu irmão mais velho”. Ela se contradiz, confundindo o receptor.

De acordo com Cunha, *et al* (2009), as metamensagens podem ser congruentes quando duas ou mais mensagens são emitidas ao longo de diferentes níveis sem que haja contradições entre elas, e podem ser incongruentes quando entram em contradição como no exemplo acima.

Identificar os duplos vínculos, ou seja, o uso de metacomunicação ajuda na compreensão do funcionamento familiar e suas relações. Em função dos vínculos preexistentes entre seus membros, existe um padrão de comunicação já estabelecido que precisa ser compreendido. Segundo Zimermann (1997), é através da comunicação que podemos perceber os vínculos de ódio, amor, conhecimento e de reconhecimento (CUNHA, *et al*, 2009).

Para Aun, *et al* (2007), a comunicação é um tema central na abordagem sistêmica. Tem a capacidade de tirar o foco do indivíduo ou do elemento componente do sistema e passa a colocá-lo nas relações entre os indivíduos. Para as autoras, relacionar-se é comunicar-se e focalizar as relações é interessar-se pelo modo como se comunicam os elementos que constituem o sistema destacado pelo observador (AUN; ESTEVES DE VASCONCELLOS; COELHO, 2007. p.491).

Segundo Cunha (2009) e Esteves de Vasconcelos (2005c), Watzlawick identifica cinco axiomas da comunicação, advindas de sua elaboração teórica e que fundamentam as relações interpessoais, sendo considerados axiomas por não necessitarem de demonstração, por seu caráter de obviedade.

Primeiro, a impossibilidade da não comunicação. Em toda e qualquer situação, há sempre uma forma de comunicação. Em situações em que haja rejeição explícita em

comunicar-se verbalmente há implicitamente uma comunicação ou metacomunicação, isto é, uma comunicação sobre a comunicação. Dentro dessa impossibilidade da não comunicação, há a aceitação, mesmo não querendo a princípio. Pode haver também uma desqualificação da comunicação, invalidando-a e tentando dizer algo sem sentido.

As pessoas também podem exibir uma incapacidade ou sintoma que exteriormente indica que não queira a comunicação, fingindo sono, ou se desligando do outro, mas mesmo assim estará usando uma comunicação não verbal dizendo que não pode ou não quer manter contato, portanto, essas situações reforçam o primeiro axioma da impossibilidade de não comunicar-se.

De acordo com Carneiro (2013), para os teóricos da comunicação, qualquer comportamento verbal ou não verbal, manifestado por uma pessoa - o emissor - em presença de outra - o receptor - é comunicação. Ao mesmo tempo em que a comunicação transmite uma informação, ela define a natureza da relação entre os comunicantes. Estas duas operações constituem, respectivamente, os níveis de relato (digital) e de ordem (analógico) presentes em qualquer comunicação (o que se fala e o que se vê, respectivamente). Quando estes dois níveis se contradizem, temos o paradoxo. A comunicação paradoxal está na origem da patologia familiar.

No segundo axioma de Watzlawick, toda comunicação tem aspectos referenciais de conteúdo e aspectos conativos, vinculares que classificam os referenciais ou as relações. É a metacomunicação. A comunicação de qualquer conteúdo entre duas pessoas é sempre acompanhada de uma definição da relação entre ambas.

De acordo com Esteves de Vasconcelos (2005), quanto mais saudável for a relação, mais ela passa para um plano secundário, permitindo que os participantes se centrem no conteúdo em questão. Por outro lado, quando a relação é conflituosa, qualquer discordância quanto ao conteúdo, desencadeia um episódio de conflito relacional.

No terceiro axioma de Watzlawick, relatado por Cunha (2009), a natureza de uma comunicação depende da pontuação das sequências comunicativas entre os indivíduos comunicantes. Cada um vê a partir da sua própria realidade. Esteves de Vasconcelos (2005) diz que cada um dos participantes de um diálogo está convicto de que as coisas são de fato como ele as vê e não será capaz de ver sua própria participação no processo.

O quarto axioma preceitua que os seres humanos se comunicam digital e analogicamente. Na comunicação analógica, temos gestos, formas de olhar, vestir, entre outros, de origem arcaica; a forma digital seria a comunicação mais evoluída. Para Esteves

de Vasconcelos (2005), a comunicação analógica é a não verbal, enquanto que a digital é a comunicação verbal.

O quinto e último axioma da comunicação diz que todos os intercâmbios comunicativos são ou simétricos (baseados na igualdade) ou complementares, baseados na diferença. De acordo com Esteves de Vasconcelos (2005), a interação simétrica tende a ser uma relação competitiva, podendo instalar-se uma disputa pela definição das relações, independente do conteúdo da comunicação. Na interação complementar, pode se estabelecer uma complementaridade rígida, com a manutenção de cada um dos comunicantes exclusivamente numa posição.

Conforme Carneiro (2013), a família é vista como um sistema equilibrado e o que mantém este equilíbrio são as regras do funcionamento familiar. Quando, por algum motivo, estas regras são quebradas, entram em ação meta-regras para restabelecer o equilíbrio perdido. A terapia desenvolvida a partir deste enfoque enfatiza a mudança no sistema familiar, sobretudo pela reorganização da comunicação entre os membros da família. O passado é abandonado como questão central, pois o foco de atenção é o modo comunicacional no momento atual.

A unidade terapêutica se desloca de duas pessoas para três ou mais na medida em que a família é concebida como tendo uma organização e uma estrutura. É dada uma ênfase a analogias de uma parte do sistema com relação a outras partes, de modo que a comunicação analógica é mais enfatizada que a digital. Os terapeutas sistêmicos se abstêm de fazer interpretações na medida em que assumem que novas experiências - no sentido de um novo comportamento que provoque modificações no sistema familiar – é que geram mudanças.

Neste sentido são usadas prescrições nas sessões terapêuticas para mudar padrões de comunicação, e prescrições, fora das sessões, com a preocupação de encorajar uma gama mais ampla de comportamentos comunicacionais no grupo familiar. Há uma certa concentração no problema presente, mas este não é considerado apenas como um sintoma. O comportamento sintomático é visto como uma resposta necessária e apropriada ao comportamento comunicativo que o provocou (CARNEIRO, 2013).

## **6 METODOLOGIA**

De acordo com Piana (2009), no contexto científico, a pesquisa possui aspectos teóricos, metodológicos e práticos, transpondo o reducionismo do empirismo. A autora informa que a realidade é interpretada a partir de um embasamento teórico, sem a pretensão de desvendar integralmente o real, possuindo um caminho metodológico a percorrer com instrumentos cientificamente apropriados.

### **6.1 Desenho Metodológico**

A finalidade metodológica definida para este trabalho foi baseada nos achados de natureza da pesquisa pura ou básica que segundo Silva e Meneses (2001), objetiva gerar novos conhecimentos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. O que se buscou, segundo Card (2016), não foi resolver o problema em si, mas criar uma base de conhecimentos que permita sua abordagem, de forma racional e sistemática.

O presente trabalho foi desenvolvido enquanto pesquisa de campo. Segundo Piana (2009), a pesquisa de campo busca a informação diretamente com a população pesquisada e exige do pesquisador um encontro mais direto com seu público alvo. Nesse caso, a pesquisadora foi ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e teve contato com as pessoas envolvidas no fenômeno reunindo um conjunto de informações devidamente documentadas.

Visando proporcionar maior familiaridade com o problema da pesquisa com vistas a torná-lo explícito, este trabalho seguiu a linha da pesquisa exploratória (GIL, 1991). Quanto aos procedimentos técnicos metodológicos, esta foi uma pesquisa participativa que, segundo Gil (1991), se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. As técnicas empregadas na pesquisa foram a da entrevista semiestruturada, na qual não existe rigidez de roteiro podendo explorar mais amplamente algumas questões para a elucidação das hipóteses levantadas e dois questionários fechados para levantamento de dados sócio demográficos correspondentes ao casal e aos filhos. Foi utilizado um gravador de voz para a coleta das informações nas entrevistas e os áudios coletados durante a entrevista foram convertidos em áudio MP3, transcritos para CDs que serão guardados sob a responsabilidade da pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos.

A população e amostra da pesquisa foram compostas de duas famílias de pastores presbiterianos residentes em Palmas-TO. Segundo a Secretaria Executiva do Presbitério do Tocantins (PSTN) <sup>2</sup>, a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) na Região Central do Estado, possui vinte pastores ordenados, todos casados e a maioria, com filhos. Desse universo, quatorze são residentes na cidade de Palmas-TO, sendo que dois se encontram afastados da liderança direta de igrejas por motivos outros e dois são pastores auxiliares ou estão à disposição de outros órgãos da IPB.

Esta pesquisa teve como objeto de estudo, 14% das famílias pastorais do presbitério, residentes em Palmas-TO, que estavam dentro dos critérios de inclusão, convidadas, e quiseram participar, num total de duas famílias, segundo os critérios de inclusão e exclusão. A população amostral foi escolhida mediante sorteio, usando-se o método de sorteio digital, através do <https://sorteador.com.br/sorteador/numeros>, onde dez famílias foram numeradas e sorteadas. O convite foi feito por e-mail e contato pessoal, explicando os objetivos e detalhes da pesquisa, com a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) <sup>3</sup> e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)<sup>4</sup>

A escolha de pastores presbiterianos como objeto desta pesquisa se deu pela facilidade de acesso aos dados e pela aproximação e vivência da pesquisadora com a instituição.

A pesquisa aconteceu no município de Palmas-TO, sendo que os questionários foram aplicados via *WhatsApp* e e-mail e a pesquisadora visitou as famílias em suas casas, conforme disponibilidade das mesmas, seguindo um agendamento, nos meses de agosto e setembro de 2019, observando sempre a disponibilidade de dias e horários que fossem mais convenientes à família pastoral. As entrevistas foram feitas em dias consecutivos e alternados, dependendo da disponibilidade de cada família utilizando-se do recurso de um gravador de voz.

Foram critérios de inclusão: famílias que residem em Palmas TO, com filhos; pastores regentes de Igrejas Presbiterianas membros do Presbitério do Tocantins; a esposa e filhos frequentarem ou não a igreja a que o marido está juridicionalmente ligado; participarem ou não de sociedades e atividades da igreja cujo esposo e pai é pastor; aceitarem participar da pesquisa assinando o TCLE/ TALE;

---

<sup>2</sup> Segunda instância deliberativa da IPB

<sup>3</sup> Constante nos apêndices

<sup>4</sup> Constante nos apêndices

Foram critérios de exclusão: famílias cujos esposos (pastores) estejam licenciados do Presbitério do Tocantins ou não estejam dirigindo alguma igreja local; Famílias em que não haja filhos. Onze famílias foram alistadas, porém uma não se enquadrou no critério de inclusão por não ter filhos.

Após contato com as famílias selecionadas, disponibilizou-se dois questionários estruturados fechados específicos *on-line*. Um com questões direcionadas ao casal e outro aos filhos, com objetivo de levantar dados sócio demográficos, tais como: idade; escolaridade; profissão; renda; número de filhos; número de casamentos, anos de casamento; número de mudanças de cidade; número de transferência de igreja na própria cidade; cargos que ocupam na igreja; cargos que ocupam nas sociedades internas da igreja; se tem trabalho fora; idade e estado civil dos filhos, escolaridade, profissão e renda dos filhos. Esses questionários foram disponibilizados por *e-mail* e pelo aplicativo *WhatsApp*.

As entrevistas constaram de perguntas sobre os temas que elucidem as hipóteses levantadas, tais como: Entendimento da importância da esposa e filhos no ministério do marido e pai e suas vantagens; como lidam com a rigidez por cobrança de resultados e com os padrões de exigência moral e ética; como veem a falta de limites e invasão de espaços e privacidade por parte de alguns membros das igrejas; como se adaptam às mudanças sistemáticas de locais de trabalho e aos novos espaços; como vivenciam a solidão; a vida financeira; a negação de identidade; como lidam com a sobrecarga de atividades na igreja local.

As entrevistas constaram de três momentos definidos. O primeiro momento foi para estabelecimento de *rapport*, explicação dos objetivos e critérios da pesquisa, leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e verificação do preenchimento dos questionários de coleta de dados sócio demográficos através da pesquisa estruturada via *on-line*. O Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) não foi assinado porque o filho menor de uma das famílias não pôde participar por desencontro de agendas. Os questionários com seus relatórios foram impressos e arquivados pela pesquisadora responsável, ficando sob sua guarda pelo período de 5 (cinco) anos.

No segundo momento aconteceu a entrevista propriamente dita utilizando-se dos temas pré-estabelecidos, e no terceiro momento os participantes acrescentaram temas que acharam relevantes para elucidação do problema da pesquisa e que pudessem contribuir para a solidez do trabalho.

A entrevista foi colhida via observação, e gravação através de um gravador de voz. Os áudios coletados durante as entrevistas foram convertidos em áudio MP3, transcritos para

CDs e guardados sob a responsabilidade da pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos.

Os dados foram categorizados em três aspectos: relação familiar, relação com a igreja e relação pessoal. As perguntas que tratam da relação familiar sondaram como eles percebiam a importância da família no ministério pastoral e sua consequência. Com relação à igreja, puderam falar sobre expectativas e cobranças e sobre a relação pessoal, discorreram sobre os impactos que a questão da falta de identidade, das mudanças constantes, a solidão e o adoecimento físico e emocional provocam na família.

Os dados coletados no questionário e entrevistas foram analisados com base na psicologia discursiva, uma vez que os participantes são parte do contexto específico e funcional no qual a fala ou o discurso é mobilizado em situações específicas a serem trabalhadas (NOGUEIRA, 2008, p.239).

Segundo Nogueira (2008), a psicologia discursiva chama atenção para novos termos que permitem às pessoas falar de coisas novas. Esta abordagem entende a linguagem como situada dentro de um contexto social e cultural, e não apenas nas interações. Assim, no contexto pastoral, as falas serão analisadas a partir do padrão de linguagem pastoral a que estão situados.

Considerando os princípios éticos científicos, o Código de Ética do Psicólogo, e a Resolução CNS 466/2012 (BRASIL, 2013) que regulamenta as pesquisas realizadas com seres humanos, a Resolução nº 510/16 (BRASIL, 2016), complementar da 466/12, e a Norma Operacional 01/13 (BRASIL, 2013), que dispõe sobre a organização e funcionamento do Sistema CEP/CONEP<sup>5</sup>, este trabalho foi cadastrado na Plataforma Brasil, submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP).

Após a aprovação do comitê de ética, a pesquisa teve seu curso iniciado.

Considera-se que essa pesquisa respeitou a subjetividade de cada participante, concebendo seus aspectos biológicos, sociais, psicológicos, espirituais, religiosos, financeiros, sexuais e econômicos, mantendo o sigilo acerca de informações e dados pessoais coletados nas entrevistas, garantindo o anonimato e a preservação da integridade das pessoas entrevistadas.

---

<sup>5</sup> Comitê de Ética em Pesquisa / Comitê Nacional de Ética em Pesquisa



Compreendeu-se a necessidade de garantir apoio psicológico para os participantes da pesquisa, uma vez que esta poderia causar inquietações e/ou perturbações, dada a sua natureza. Para isso, disponibilizou-se o Serviço Escola de Psicologia (SEPSI) para quem necessitasse de acompanhamento psicológico, assim como encaminhamento para os serviços da rede de saúde e atenção psicossocial, desde que o adoecimento seja comprovadamente decorrente do processo de pesquisa. Neste caso específico, a pesquisadora se comprometeu a acompanhar os entrevistados durante o processo de entrada nos serviços para os quais forem encaminhados. A participação na pesquisa se deu somente após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para os menores de 18 anos.

A pesquisadora se comprometeu a dar cobertura material para reparação de quaisquer danos causados aos participantes da pesquisa. Em caso de algum desses aspectos serem infringidos, a pesquisadora se comprometeu a responder legal e juridicamente de acordo com as leis municipais, estaduais e federais vigentes. A presente pesquisa não teve caráter financeiro

Os riscos advindos de algum procedimento nesta pesquisa estão relacionados a um possível surgimento de sofrimento psíquico, desencadeado no processo de entrevista. Levando isso em conta, foi garantida aos participantes da pesquisa, assistência psicológica e acompanhamento da rede de atenção psicossocial do município, assim como do Serviço Escola de Psicologia do CEULP/ULBRA (SEPSI).

Todos os nomes, dados pessoais e informações coletadas nos questionários e nas entrevistas, foram tratados confidencialmente pela pesquisadora, seguindo os princípios éticos e de acordo com o código de ética da psicologia.

As famílias foram denominadas Família A e Família B. A família A é composta pelo casal e duas filhas e a família B, tem em sua composição o casal, dois filhos e uma filha sendo que um dos filhos não participou do momento da entrevista por incompatibilidade de horários, razão pela qual não assinou o TALE.

As entrevistas aconteceram nas residências das famílias, em dia e hora definido por cada uma das famílias, conforme a conveniência de ambas. A família A foi entrevistada nos dias 29/08/2019 e 04/09/2019 e a família B, dia 11/09/2019.

Os participantes tiveram plena liberdade de se retirarem da pesquisa a qualquer momento, ao se sentirem desconfortáveis, sem necessidade de justificativas, com total isenção de qualquer dano à sua integridade, o que não ocorreu.

## 7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com esta pesquisa, foi possível elucidar as questões referentes ao problema exposto, por meio dos dados sócios demográficos coletados nos questionários e levantados nas entrevistas feitas entre os dias 28 de agosto e 11 de setembro de 2019 com as famílias aqui denominadas como Família A e Família B.

Tabela 1. Dados Sócio Demográficos da Família A

Família A	Idade	Anos de casados	Escolaridade	Anos de membresia
Pai	53	27	Pós Graduação	32
Mãe	47	27	Graduação	35
1ª filha	23		Graduação	10
2ª filha	21		Graduanda	08

Fonte: Questionário estruturado

Tabela 2. Dados Sócio Demográficos da Família B

Família B	Idade	Anos de casados	Escolaridade	Anos de membresia
Pai	52	24	Curso médio Teológico	39
Mãe	42	24	Graduação	32
1ª filha	21		Graduação	09
2º filho	20		Graduação	07
3º filho	13		1º grau completo	-

Fonte: Questionário estruturado

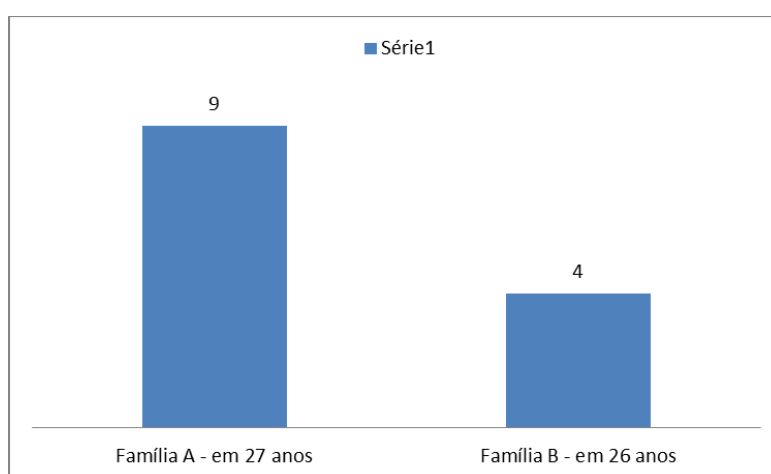
Ambos os casais tiveram um único casamento que varia entre 24 e 27 anos de união. Quanto à quantidade de filhos, variou entre 2 e 3 filhos cada casal sendo, 60% mulheres e 40% homens, com idades entre 13 e 23 anos.

Com relação à escolaridade dos casais, 50% possuem especialização, 25% graduação e 25% segundo grau completo com os cursos de: Teologia, Ensino Médio Teológico, Enfermagem e Pedagogia. As profissões das esposas são: Servidora Pública e Empresária. Quanto a estes quesitos, percebe-se que o fato de estarem exercendo pastorado, nem os pastores e nem suas esposas são impedidos de prosseguirem em seus estudos e suas esposas podem exercer outras funções seculares o que auxilia na realização profissional e pessoal das mesmas e no sustento da família, complementando a renda familiar, uma vez que os pastores pesquisados não possuem outras profissões, nem exercem outras atividades remuneradas além do pastorado. Em 100% das famílias pesquisadas, o maior salário é o do pastor, entendendo que os salários das esposas complementam o salário pastoral.

Quanto às questões eclesiais, o tempo de membresia na igreja varia entre 32 e 39 anos como membros comungantes da Igreja Presbiteriana do Brasil. 100% das esposas

fazem parte de uma Sociedade Interna na igreja com a predominância da Sociedade Auxiliadora Feminina, (departamento interno da IPB), e todas exercem cargos na igreja. Percebe-se uma sobrecarga de atividades executadas na igreja pelas esposas de pastor com quatro e cinco cargos respectivamente e concomitantemente (conselheiras infantis, líderes de pequenos grupos, professoras de Escolas Bíblicas Dominicais, Conselheiras de Jovens, cargos na sociedade auxiliadora feminina, e em suas instâncias superiores, dentre outros). Da mesma forma, os pastores além do pastorado, ainda assumem cargos nos concílios da IPB e suas três esferas de governo (presbitérios, sínodos e supremo concílio).

Gráfico 2. – Número de mudanças por ano de ministério



Fonte: Questionário estruturado aplicado

Com relação aos aspectos de mobilidade familiar, todas as famílias já se mudaram de cidade em função do ofício pastoral, sendo que uma das famílias mudou 9 vezes em 27 anos de pastorado e outra, 4 vezes em 26 anos de ministério e 19 de pastorado, o que gera inúmeros problemas do ponto de vista de adaptação de toda a família, conforme confirmado nas entrevistas subsequentes.

Com relação aos aspectos emocionais, em algum momento da vida, 75% dos entrevistados tiveram vontade de procurar tratamento psicoterápico ou outro tratamento similar, mas não procuraram e 25% não procuraram e nem tiveram vontade e nenhum dos entrevistados faz acompanhamento psicológico atualmente. Mesmo não procurando ajuda, 50% tomam ou já tomaram medicação para dormir, para estresse, ansiedade ou similar.

Quanto à escolaridade dos filhos, 75% têm ou estão fazendo curso superior, e 25% tem primeiro grau completo. Com relação à profissão, 60% relataram ser estudantes, e 40% já estão com profissão definida, sendo Biólogo e Servidor Público. 60% exercem atividades remuneradas fora da igreja.

Quanto à questões eclesiais, o tempo de membresia na IPB varia de 7 a 10 anos, sendo que um dos filhos ainda é membro não comungante na igreja por ser menor de idade, porém percebe-se que 100% dos entrevistados exercem cargos na igreja local e nas instâncias superiores da igreja, tais como União de Mocidade Presbiteriana (UMP) e União Presbiteriana de Adolescentes (UPA) em suas federações e confederações sinodais. Ao serem perguntados sobre quantas vezes participou de mudanças de cidade junto à família, 60% responderam que se mudaram 4 vezes, 20% 8 vezes e 20% 6 vezes.

Com relação aos aspectos emocionais, ao serem perguntados se em algum momento deixou de frequentar as atividades da igreja por causa de problemas relativos ao trabalho pastoral, 20% disseram que não, 20% disseram que sim e 60% disseram que tiveram vontade. Perguntados se em algum momento da vida já procurou psicoterapia ou outro tratamento similar em decorrência da vida familiar pastoral, 40% responderam que não, e 40% responderam que tiveram vontade mas não procuraram, no entanto 20% fazem acompanhamento psicoterápico e 100% faz ou já fez uso de medicamentos psicotrópicos.

Os três aspectos categorizados no processo de entrevista dizem respeito às relações familiares, a relação com a igreja e as relações pessoais, os quais serão discutidos nas sessões seguintes.

### **7.1 Relações familiares**

Com relação à importância da família no ministério pastoral, os entrevistados responderam que:

*“Sem família, o ministério pastoral ficaria muito difícil, porque não teriam parâmetros para orientar famílias com dificuldades e não teriam suporte em casa”*(Esposo, Família A.); *“A família é a base do ministério pastoral. Sem família, o ministério ficaria extremamente prejudicado”* (Esposo, Família B).

Estas falas reforçam o que Silva (2016) enfoca que o grande diferencial na formação de família para o pastor em relação aos demais tem a ver com sua função. Segundo o autor, é uma realidade bastante distinta porque este líder está com a sua família no convívio de suas atividades e todo o seu ministério depende em muito da postura familiar frente aos embates que enfrentará no decurso de sua função pastoral.

No entanto foi importante perceber que os entrevistados mensuram bem o seu papel no contexto e valorizam os aspectos familiares na construção de um trabalho frente às igrejas em que exercem o ministério. Entendem que sem a família seria muito difícil vencer as barreiras impostas pela função pastoral.

De acordo com Esteves de Vasconcellos (2012) e o pensamento sistêmico de segunda ordem, podemos considerar a família como um sistema interligado, complexo em suas relações e que precisam compreender todos os acontecimentos levando em consideração a complexidade do mundo em que estão inseridos. No caso em questão, o sistema familiar se insere no sistema eclesial com toda a sua complexidade estabelecendo relações nem sempre ordenadas, mas instáveis e intersubjetivas.

As esposas também percebem esta importância de forma responsável, quando uma das entrevistadas afirma:

*“Na família, é onde ele renova suas forças, é onde ele vai descansar receber esse apoio, essa ajuda, esse amor que é essencial para a vida dele. Sem família é impossível ele levar a carga sozinho” e completa: “Eu sinto uma responsabilidade muito grande, de estar sempre ao lado, participando, acompanhando, dando o ombro, estando sempre junto, porque esse junto é o que dá a estrutura de continuar em pé para vivenciar várias situações” (Esposa, Família A).*

Santos (2017) concorda que ser esposa de pastor é uma grande e árdua tarefa, no sentido de estar auxiliando num ministério do qual acredita. No entanto, a autora enfoca as expectativas que esta posição evoca na família, marido e especialmente na igreja e sociedade, gerando, por vezes, instabilidade nas relações.

Nesse aspecto, Esteves de Vasconcelos (2005) sugere que, quanto mais saudável for a relação, mais ela passa para um plano secundário, permitindo que os participantes se centrem no conteúdo em questão. *“Uma coisa importante é que o ninho tem que estar bem. Se não estivermos bem, as coisas não andam. Aqui em casa eu nunca faço cobrança porque cada um tem o seu dom espiritual”*(Esposo, Família A). Percebe-se que em momentos de crises no ministério pastoral, a família está junto para apoiarem-se mutuamente.

O pensamento dos filhos, de igual forma, retrata a importância da família na vida pastoral, uma vez que se sentem parte do ministério do pai:

*“Eu acho que é importante porque as famílias se envolvem em áreas da igreja e ajudam no seu crescimento. [...] É como se fosse uma força tarefa, uma equipe que consegue trabalhar em várias áreas, de várias maneiras, que o pastor às vezes não consegue sozinho. Sinto parte dessa equipe. A vantagem é de conhecer mais a igreja. Como funciona a igreja, como funciona o governo da igreja, como funciona o desenvolvimento do conselho da igreja. A gente tem uma noção muito mais aprofundada que os membros que não tem a nossa vivência. A gente conhece e vive. [...]. Não foi uma coisa que algum dia eu aprendi a viver. Não, eu sempre soube. Aprendi vivendo e a gente se torna alguém “mais capacitada” no trabalho. Você tem mais utilidade” (Filha 1, Família A.)*

Esta fala corrobora com o que Silva (2016) afirma que a família do pastor, entre outras prerrogativas, tem função muito importante na relação e contribuição na vida ministerial, podendo ser uma base de sustentação para a atividade pastoral e servir de referência em muitos sentidos para a sociedade na qual está inserida.

Para Esteves de Vasconcellos (2012), a necessidade de ver sistematicamente o mundo é ver e pensar as relações existentes em todos os níveis da natureza e buscar sempre a compreensão dos acontecimentos, levando em consideração a complexidade do mundo. Conhecer a realidade pastoral é o que dá sentido a esta família, o que os une para a caminhada e os habilita para vencer as dificuldades.

Os pastores e famílias entrevistadas têm consciência de seu papel no trabalho da igreja. *“A gente sente que Deus tem uma tarefa pra gente e não é uma tarefa para todos os homens”*. (Esposo, Família A.)

Silva (2016) nos lembra da história da família protestante que é carregada de nuances de envolvimento do ministério pastoral na vida íntima familiar, onde os pastores procuravam para esposas, pessoas que tivessem afinidade com o meio eclesiástico, comprovada na fala de uma das esposas:

*“A esposa conta muito nessa hora, uma esposa estruturada sábia, que ora e que realmente o ajuda é o seu braço direito. Para o ministério, ela tem que ser chamada para ser benção na vida dele e da igreja”*. (Esposa, Família A).

Para Carneiro (2013), a família é vista como um sistema equilibrado e o que mantém este equilíbrio são as regras do funcionamento familiar e quando, por algum motivo, estas regras são quebradas, entram em ação meta-regras para restabelecer o equilíbrio perdido.

*“O conflito familiar? lógico que tem! ainda mais quando (os filhos) vão se tornando maduros. O ponto de vista deles é diferente, e é conflitante... os meus dois primeiros filhos foram os mais afetados porque eles foram os cobaias, tudo que um viveu o outro viveu”* (Esposa, Família B).

Percebeu-se que apesar da missão pastoral com a igreja ser bem clara por parte da família, eles sentem uma forte cobrança em várias áreas da vida diária por parte da igreja.

## **7.2 Relação com a igreja**

Ao analisar a relação da família pastoral com a igreja consolida-se a ideia colocada por Valburga (1995, *apud*, SILVA, 2016, p. 139) quando menciona que, a visão da família como sistema implica que cada indivíduo depende de todos os outros e os problemas e conflitos de um afetam a todos.

De acordo com um dos filhos, esta relação é definida da seguinte forma: *“Você é uma casa de vidro, que todo mundo vai observar e cobrar que seja uma família perfeita de um pastor perfeito”* (Filho 1 Família A). Esse discurso demonstra a coesão da família em perceber que devem ser exemplos para uma sociedade e uma igreja que os veem como modelo a ser seguido e portanto não podem falhar.

As expectativas e cobranças por parte da igreja para com a família pastoral se reflete especialmente nos filhos, como demonstra a fala de um dos filhos entrevistados:

*“O que eu acho mais pesado pra mim como filha é que. o pastor teve um chamado. Geralmente as esposas já casam sabendo que vão ser esposa de pastor. Eles fizeram uma escolha. No momento em que decidiram tiveram uma vida antes, já decidiram. Já quem nasce já nasceu ali sem opção. Você já nasceu. A providencia divina quis assim. A gente tem zero capacidade de escolha. Às vezes isso dá muita revolta especialmente quando adolescente porque eu sou uma pessoa como você. Tenho minhas dificuldades. A questão da cobrança externa [...]. É muito difícil a questão do exemplo porque a gente é mais cobrado do que os outros.”* (Filha 1, Família A)

A cobrança por ser perfeito, por ter uma postura diferenciada já é exigida do pastor, pela função, mas percebeu-se que em muitos casos, esta expectativa é desproporcional com relação à esposa e aos filhos. Este depoimento corrobora com o que Dusilek (2009) expõe que a expectativa impressa ao pastor, esposa e filhos pela sociedade evangélica, de uma forma geral, acarreta problemas na vida da família pastoral e estas famílias precisam estabelecer limites no início da convivência com as pessoas da igreja na qual o pastor exerce seu trabalho.

*“Como pastor a gente se cobra mais que os outros. A gente sente que Deus tem uma tarefa pra gente [...] Tem umas cobranças injustas, geralmente eu ignoro [...], só quando percebo que a pessoa está atingindo o outro aí, pra proteger o rebanho ou pra proteger a minha família eu tenho que ter um posicionamento forte. Aqui a atitude que nós tomamos é atitude que não fere nem o governo da nossa igreja, nem a bíblia. Esse é o parâmetro pras nossas vida, as escrituras sagradas em primeiro lugar e o governo da igreja. Estamos apoiados por Deus primeiro e por nossa igreja* (Esposo, Família A).

Esta fala corrobora com o pensamento de Purin (2015), em que as crises familiares são comuns e as famílias pastorais têm sido atingidas em diversas situações. O pastor, como líder da igreja sente uma grande responsabilidade sobre si, pois tem que defender a família e a igreja ao mesmo tempo, o que às vezes o torna vulnerável ao julgamento interno e externo, causando muitas vezes, adoecimento.

*“Tem cobranças que as pessoas fazem que quando eu reconheço que eu estou errado, eu louvo a Deus, eu agradeço por as pessoas me abrirem os olhos porque eu não estava percebendo e agora eu vejo que estava*

*caminhando pra um resultado não muito bom. Tudo depende da forma, né? Tem uns que não sabem falar, não sabem cobrar, usam de deboche, de palavras que agridem, aí você tem que usar filtros. O pastor é o que mais tem que filtrar as coisas. Quando ele ouve, é uma coisa, mas quando ele fala... [...] ah, foi o pastor que falou. Aí, pesa muito. O membro da igreja pode se sentir desanimado, revoltado. Por que o pastor deu uma palavra dura, me humilhou? Outras pessoas podem falar o que quiser, mas o pastor tem que ter equilíbrio. Cobrança sempre vai ter. Precisamos ter pele grossa pra aguentar”*(Esposo, Família 1).

O pastor, ao exercer sua função pastoral, precisa ouvir com cuidado as críticas e cobranças advindas das pessoas da igreja, criando mecanismos internos para não se deixar abater e nem permitir que essas críticas atinjam sua família de forma direta, pois isto provocará um desgaste especialmente nos filhos que em sua grande maioria não estão maduros para enfrentar situações difíceis do ministério pastoral do pai.

Por outro lado, o pastor ao filtrar as críticas deve ter o cuidado pastoral de perceber o que está por trás daquele movimento crítico por parte das pessoas, pois pode ser um simples pedido de atenção por parte dos membros da igreja. A cobrança às vezes mostra carências por parte de quem as faz.

As esposas dos pastores também sofrem muito com as cobranças porque nem sempre foram preparadas para serem esposas de pastor, como o depoimento de uma esposa:

*“Casei com um missionário que passava a ideia muito firme que tinha pavor, ojeriza de ser pastor, de que a vida dele era de missionário. Eu sou uma pessoa que tem um espírito aventureiro, de estar evangelizando... eu casei com esse ministério. Em questão de 2-3 anos, de casamento, o ministério mudou e me vejo agora casada com um pastor mas entendi que tudo é propósito e hoje me vejo no ministério que pra mim é uma benção estar contribuindo... não deixou de ter a frustração de pensar... uai não era isso, agora é? Mas entendo que era condução de Deus”*(Esposa, Família B).

Este depoimento vem reafirmar o que disse Santos (2016) quando concorda que ser esposa de pastor é uma tarefa gloriosa, porém árdua, no sentido de estar auxiliando num ministério do qual acredita. No entanto, a autora enfoca as expectativas que esta posição evoca na família, marido e especialmente na igreja e sociedade, gerando, por vezes, instabilidade nas relações.

Outra esposa apresenta seu nível de frustração de forma mais enfática com relação às cobranças feitas pela igreja.

*“Hoje eu me sinto melhor. Eu creio que eu amadureci. Mas já sofri muito com cobranças desde que eu casei. [...] Quem menos me cobrava era ele (marido) mas eu senti a cobrança vindo da igreja, família, de mim mesma, eu tenho que ser uma pessoa diferente. [...] Eu sofri nos primeiros anos de*



*casada, eu chorava, eu tive momentos de aflição e desespero, vontade de largar tudo, eu me senti massacrada. As irmãs cobravam na igreja, “há a esposa do pastor anterior tocava, você não toca... a esposa do pastor regia o coral, você não rege, a esposa do pastor tem que olhar isso”. [...] Uma irmã foi cobrar lá em casa porque a igreja estava suja, o mato estava grande, e porque sua esposa não vê isso... foram questionar com ele. Olhar a escala de distribuição de direção de culto, ela foi olhar pra ver se o meu nome estava lá. Porque o nome de sua esposa não está lá?” (Esposa, Família A).*

Esta situação faz com que a esposa se sinta desvalorizada em seu papel de esposa de pastor, e de membro da igreja.

*“Essa cobrança existe. [...] quando os presbíteros ligam pra o pastor (convidando-o para trabalhar numa determinada igreja) eles perguntam: e como é a sua esposa? Ela faz o que na igreja? Isso é uma coisa que pesa, porque independente do que eu faça ou não, eu estou ali pra servir ao Senhor” (Esposa, Família A).*

Os filhos, por sua vez são frontalmente atingidos por não serem reconhecidos com o respeito devido como membros da igreja e sim como filhos de pastor. O depoimento de alguns dos filhos retrata bem a posição colocada por Silva (2016), quando reforça que a família do pastor não é diferente das demais e é formada mediante um sistema que a entrelaça em todos os sentidos da vivência comunitária:

*“Eu sou bloqueada com a cobrança, com a imposição, eu não gosto de fazer algo que seja uma imposição. Acho que hoje eu não faria se não fosse algo do desejo do meu coração” (Filha 1, Família B).*

*“Eu não posso ouvir uma musica diferente, porque eu sou filha de pastor, quando eu fiz a tatuagem... o terere... todo mundo falou... eles olham pra gente como a gente tem que ser santo o tempo todo, porque sou filha de pastor”. (Filha 2, Família A)*

*“Teve uma época na minha adolescência, que eu dançava strit dance, usava roupa de rock e o povo faltava morrer, e foi uma época que mais me afetou emocionalmente, por causa da pressão, inclusive de amigos, gente próxima. Por questões éticas, a gente não poder usar a roupa que a gente quer. A gente não é feminina o bastante pra ser filha de pastor?” (Filha 2, Família A).*

Outro aspecto importante ressaltado na pesquisa é a falta de privacidade. Dusilek (2009) trata deste tema, concluindo que a privacidade da família do pastor deve ser tratada com maturidade pelo casal, que é quem deve estabelecer os limites dentro da casa, tomando o cuidado para não se isolar da comunidade, passando a viver no mundo da família do pastor, sem o intercâmbio de amizades, que são benéficas para todos e isso ficou claro nas falas de esposas e filhos.

*“[...] É rara a semana que não tem gente aqui em casa. A gente gosta de dar essa liberdade aqui em casa. As pessoas vem abrem a geladeira,*

*tomam água... alguns... tem alguns que tem liberdade, mas por nós não tem problema” (Esposo, Família A);*

*“Eu já tive problemas de pessoas invadirem outras áreas, de querer saber da vida do casal, mas de comer, de se servir aqui em casa, não temos problemas. Eu creio que as meninas tem mais esse sentimento, tipo: no quarto delas, não pode entrar” (Esposa, Família A);*

*“Se a gente deixar, eles querem saber de tudo... se sair de férias, querem saber onde foi, o que comeu e quanto gastou... no interior vivemos essa realidade... da pessoa fazer da nossa casa uma extensão da igreja. De chegar, pegar suas frutas, mas os meninos não viveram isso” (Esposa, Família B).*

As filhas foram enfáticas quanto à falta de privacidade:

*“Eu não me sinto bem não, porque eu quero passar um tempo com minha família e não tenho tempo de qualidade” (Filha 2, Família A).*

*“Isso me incomoda muito, porque eu sou uma pessoa muito reservada com minha vida pessoal e as vezes você não tá no clima de receber... me lembro de uma vez que alguém ficou doente e eu morava fora, e alguém ficou doente e minha mãe botou essa pessoa pra dormir na minha cama. Isso me deixou tão mal porque eu acho que pelo menos o quarto tem que ser um lugar seu, sabe? E ver outra pessoa dormindo na minha cama... eu me senti substituída. Essa questão da privacidade é muito difícil” (Filha 1, Família A).*

Dusilek (2009) reafirma que há pessoas que reconhecem o espaço da família pastoral e só ultrapassam a linha de convivência se percebem que lhes dão permissão. Outras, porém, invadem literalmente a casa pastoral e para não ofendê-las, as esposas acabam tendo sérios problemas de relacionamento com o marido e os filhos.

Outro aspecto relevante levantado na relação da família pastoral com a igreja foi a questão da identidade para esposas e filhos de pastores.

*“Meu pai é pastor, eu não. Eu não quero essa vida, eu não quero esse rótulo... eu não quero casar com pastor. Eles foram chamados pra o ministério, mas os filhos, não. A gente não tem nome...” (Filha 2, Família A).*

*“Pra mim essa questão da identidade pesa muito porque não sou eu, mas sou a esposa do pastor e isso carrega um peso que não é legal no sentido de me mostrar quem eu sou. De ser eu, do que eu gosto, do que eu sou...” (Esposa, Família A)*

Isso ratifica o que Furman (2016) fala, sobre a condição de filhos e esposa passar a ser uma função, e um rótulo sendo discriminatório para mulheres e filhos conscientes de seu papel na igreja e na sociedade, e traz como consequência, uma identidade deformada de quem realmente são enquanto pessoas.

Nesta perspectiva, o pensamento sistêmico de segunda ordem proposto por Esteves de Vasconcellos (2012) é um convite à observação do dinamismo das situações, reconhecendo

que o mundo está em “processo de tornar-se” com ocorrências que nem sempre podemos controlar, porém, acreditando nas possibilidades de mudança e evolução dos sistemas. A instabilidade nos processos relacionais, provocam mudanças constantes, e reações às vezes conflituosas que se não forem entendidas como parte do processo, podem causar desconforto e adoecimento.

### 7.3 Relações pessoais e suas implicações emocionais

O impacto da vida ministerial do pastor e sua família nas relações pessoais afetam sua vida financeira, as constantes mudanças de locais, a solidão e o adoecimento. Porém, todas as famílias pesquisadas entendem a importância do ministério pastoral na vida dos membros da família. Um dos membros respondeu sobre esta importância da seguinte forma:

*“É poder servir a Deus de forma integral. Em geral o povo serve a Deus, mas o fato da gente ser chamado pra liderar o povo e servir a Deus, pra mim é uma honra indescritível [...]. Não temos nenhum merecimento e Deus graciosamente nos chamou. Eu me sinto muito grato a Deus pelo fato de poder servir a Ele”*(Esposo, Família B).

É notório que todos os membros das famílias sentem esta importância enquanto cristãos, chamados para o serviço ministerial, no entanto, percebem a existência de efeitos colaterais advindos da função pastoral que de forma prática afetam suas vidas.

Quando perguntados sobre como eles administram a vida financeira e de que forma ela é vivenciada por todos os membros da família em relação à igreja obteve-se as seguintes respostas:

*“De certa forma, a igreja acha que a gente ganha muito. O que ele (pastor) faz com tanto dinheiro? tem irmão aqui que ganha muito menos, vivem de um salario mínimo. Então, faz a comparação pelos de baixo”* (Esposa, Família A);

*“Depende do lugar onde a gente trabalha. Se você trabalha no campo missionário num lugar mais simples, andar simples faz com que você conquiste mais as pessoas. Se você trabalha numa igreja que é simples e anda mais sofisticado, cria como se fosse uma barreira para esses irmãos. Mas de qualquer maneira muitas vezes você ganha um salário que não é compatível com aquilo que a gente tem que apresentar. Você não pode domingo a noite representar a igreja de qualquer jeito”* (Esposo, Família A);

*“A questão da compra de livros. Se eu colocasse no meu orçamento os livros que eu preciso comprar não daria. Isso muitas vezes é complicado pra nós.”* (Esposo, Família A).

Estas falas corroboram com o que Silva (2016) relata sobre a vida financeira do pastor presbiteriano e sua família como algo preocupante devido a sua relação com a igreja e o

desafio de ser referência para a comunidade que lidera. Nem sempre o que recebem é suficiente para sanar as demandas familiares e até os compromissos com a própria igreja.

“Pesa também a questão de receber as pessoas. Na maioria dos campos que a gente morou, quando chega alguém, tem que ir pra casa do pastor. Pode até ter um irmão que tenha mais condições, e sempre tem, mas o point é a casa do pastor. O pastor é quem tem que receber. Porque não vai pra casa do pastor? Não tem ninguém na casa do pastor? Ficaram dois na casa de fulano e ninguém na casa do pastor? Isso pesa no nosso orçamento”. (Esposa, Família A)

Outro fator observado que causa grande impacto na vida pessoal da família pastoral são as constantes transferências de igrejas. Para o pastor, o impacto diz respeito à adaptação ao trabalho na nova igreja, conhecendo pessoas novas, implantando sua forma de trabalho, respeitando o que já existe, como diz um dos entrevistados:

*“Quando você chega à igreja, o processo de adaptação é complicado... mesmo que você tenha todas as programações que tem que ser feita, mas são outras pessoas, outras atividades, outros problemas que você tem que adaptar, e até montar sua estrutura de trabalho, tem coisas que você fazia muito bem numa igreja, mas no outro lugar não funciona de jeito nenhum. Você tenta, mas se frustra, então tem que se readaptar rápido. Esse tempo é desgastante. [...] Há uma desconfiança da parte de quem chega e de quem te recebe. O primeiro ano é pra você conquistar”.* (Esposo, Família A)

Para as esposas e filhos, além da adaptação com a igreja, tem a adaptação com escola, trabalho, a cidade.

*“Essas coisas pra mim pesam muito na questão da estrutura física, emoção. Muda tudo. A casa, a escola, igreja, local pra colocar os moveis, uma casa é enorme outra não tem nada. Isso pra mim é desgastante é triste é começar sempre do zero. Isso desgasta muito emocionalmente, psicologicamente. A gente mudava muito. Quando a gente ia começando a se acostumar, se apegar com as pessoas, tínhamos que começar tudo de novo”* (Esposa, Família A);

*“Teve mudança que fiz grávida correndo o risco de perder o bebê, mesmo assim a gente teve que mudar e eu com muito medo, chorando, tive que mudar de médico, acompanhamento pré-natal, é tanto que tive que ir pra minha terra natal, porque pra onde a gente mudou não tinha estrutura nenhuma”* (Esposa, Família A).

Estes relatos corroboram com o que Dusilek (2009) enfatiza, pois as constantes mudanças prejudicam a família, o estudo dos filhos, as questões financeiras e caso a esposa seja profissional com trabalho externo, também será afetada por essas mudanças.

O que Dusilek (2009) aponta como problema advindo dessa fase adaptativa foi confirmado com os entrevistados. A adaptação à nova casa que nem sempre segue o mesmo

padrão da anterior; a própria mudança de escola para os filhos; as cobranças para assumir cargos na igreja; enfrentar as comparações que são feitas com a família do pastor anterior, dentre outras que provocam situações de desgaste emocional dada a complexidade do movimento provocado pela mudança.

Para os filhos, o desafio também é grande, e segundo a fala de alguns deles,

*“Afeta as amizades. Nos aniversários de criança, não tínhamos ninguém pra convidar...”* (Filha 2, Família A);

*“A gente acaba invejando os outros. Como é que é a vida das pessoas normais? Aqui no Tocantins, as pessoas tem o costume de todo o domingo almoçarem na casa do vovô e da vovó... a gente vê nossos parentes uma vez por ano e olhe lá... já passamos de dois anos sem vê-los e a gente não tinha natal, a gente criou o natal”.* (Filha 1, Família A).

Estas falas confirmam o que Dusilek (2009) evidencia sobre a sensação de ser uma pessoa sem raízes, o que pode gerar problemas relacionais especialmente para as crianças e adolescentes, podendo acarretar conflitos emocionais em suas vidas no futuro.

Outro fator importante nas relações pessoais observadas foi o fato de todos os membros das famílias pesquisadas referirem à solidão como algo presente em suas vidas, tanto na vida do pastor, quanto de suas famílias. Uma das esposas, diz que tem amigas mas não se sente confortável para se abrir com elas.

*“Eu tenho Amigas que eu ouço, mas não pra me ouvir”* (Esposa, Família B).

*“Tenho problema de solidão. No contexto familiar, se eu tenho dificuldade com ele (esposo), eu não tenho um pastor pra falar do meu problema porque meu pastor é ele e se eu desabafar com um colega dele, isso em algum momento pode ser usado contra ele. [...] Necessidade eu já tive muito. Em casa vou falar com meus filhos? Não vou...”* (Esposa, Família B).

Os pastores também sentem o problema e isto os afeta, porque ouvem muitos problemas e não tem com quem desabafar. Um dos entrevistados expressou-se da seguinte forma:

*“Entre nós, família, a gente promove ações pra não se sentir só. A gente cria algumas coisas assim, tradições que facilitam a comunicação entre nós. Fazer sempre o almoço ao redor da mesa, a gente sempre faz o culto doméstico pra facilitar nossa vida espiritual. Agora, logico a gente sente a falta da família, dos irmãos, sente falta dos pais, a distancia é longa, mas o ministério pastoral no nosso caso exige de nós essa distancia. Tenho colegas pastores, mas amigos assim, posso dizer que não”.* (Esposo, Família A)

O sentimento exposto pelos filhos também retrata este mesmo problema de solidão quanto a ter com quem desabafar.

*“Eu fui criada assim e eu tenho que resolver meus problemas. Todo mundo te vê como ouvinte, mas você não tem com quem conversar e qualquer pessoa que vc vai conversar, eles vão te julgar lá adiante.” (Filha 1, Família B)*

*“Eu sinto muito a questão da solidão. E essa questão sempre foi muito forte. Como eu desenvolvi muito rápido na infância, todo mundo achou que eu era muito responsável, e que eu dava conta sozinha, só que não e isso me afetou muito depois. Eu sempre virei a amiga - mãe, eu nunca fui amiga- amiga, eu sempre cuidei dos meus amigos. Hoje as pessoas que eu considero mais próximas de mim são pessoas muito novas na fé, então alguns medos, dificuldades, inseguranças, a gente não pode falar e se falar, a pessoa não sabe o que dizer, e geralmente como eu sempre sou a mãe, as pessoas ficam escandalizadas. A cabeça das pessoas ao meu redor é de que eu vou dar conta. Isso é uma coisa que me travou por dentro que até hoje eu tenho dificuldade em ter amizade.” (Filha 1, Família A).*

Estes depoimentos são confirmados pelo que Silva (2016) relata, pois a postura de relacionamentos das famílias pastorais com as demais pessoas, muitas vezes não está condizente com o que se espera do seu envolvimento na experiência de grupo, o que faz com que esta família se torne solitária por não poder compartilhar suas angústias e dificuldades com as pessoas da igreja, muito menos com os colegas de trabalho, o que os torna fechados em si mesmos.

Todas as questões relacionais apontadas pelos participantes da pesquisa confirmam que o risco de adoecimento das famílias é eminente, sobretudo pela falta de espaços de escuta especialmente para os filhos. Percebeu-se que existem algumas iniciativas de acolhimento aos pastores e esposas como: encontros, reuniões, grupos. No entanto, não foi identificado nenhum trabalho com os filhos de pastores que pudesse ser continente para as questões que os afligem, o que os faz desejar sair da igreja em que congregam ou, em casos mais extremos, adoecer e até abandonar a fé.

*“Eu queria sair da igreja... não sei pra onde... dar uma pausa [...] as esposas e os pastores, tem tudo (encontros de pastores e esposas), os filhos estão fora. Se não fosse a família... misericórdia”. (Filha 2, Família A);*

*“Eu entrei num processo de depressão muito forte, e meus pais estavam muito envolvidos na igreja, e eles demoraram muito a perceber e eu não conseguia falar. [...] Eu já estava num processo de automutilação e eu já tinha tentado suicídio uma vez e eu falei com uma líder e ela me ignorou. Isso me incomodou muito porque eu via as coisas acontecendo as cobranças na igreja e os adolescentes passaram a me evitar. E todo mundo sabia e ninguém me ajudou. E eu falei com a líder, eu falei com ela, e ela*

*sumiu... largou o cargo... e eu fui piorando sendo rebelde, querendo extravasar de alguma forma. Eu tentei mais duas vezes, graças a Deus, Deus fortaleceu minha fé... minha mãe me ajudou muito e foi a época que eu mais quis abandonar a fé. Depois disso eu tive mais cuidado... e entrei de cabeça nos estudos. Me afastei muito da igreja. Foi uma época em que estava acontecendo muita coisa com adolescentes da igreja e meus pais estavam tão focados neles, e eu pensava... gente, e eu?? Então foquei nos estudos” (Filha 2, Família A);*

*“Muitas coisas que eu trato em terapia é relacionada a isso, mas não exclusivamente por causa disso. Eu tomo medicamento, não vou deixar o tratamento, e meu pai tem dificuldade de aceitar o tratamento”.(Filha 1, Família B).*

Ao ser perguntada se já se sentiu desanimada, uma das esposas respondeu:

*“Desanimado não é a palavra, mas já tive vontade de sair, descansar, ver o outro lado, mas querer largar o ministério, nunca” (Esposa, Família A).*

E um dos pastores disse que apesar de não se sentir desanimado, em algumas situações, se sente frustrado.

*“Eu estou diabético por causa de problemas da igreja e problema cardíaco.[...] Eu decidi que tem coisas que não vou lutar mais, pra não ter estresse. Eu adoeci chorei. Hoje eu choro por outras coisas. Aqui na igreja eu chorei por machucarem a gente. Eu chorei diante da família. Isso foi muito ruim mas eu tinha que tirar isso do coração. Precisava chorar. Tive depressão. Passei uns dois meses deprimido. E era tão ruim que eu cheguei pra minha esposa, e disse: vamos orar. Porque eu não posso ficar com essa depressão. Eu orei a Deus dizendo: Senhor, eu tenho muita coisa, muita ocupação, muita responsabilidade, não tenho tempo pra ficar doente, então em nome de Jesus, o senhor repreende essas enfermidades. E eu fiquei bom”. (Esposo, Família A).*

Estes depoimentos corroboram com o pensamento de Gomes (2012) quando observa que o estresse do trabalho com igrejas, pode causar uma série de agravos, como os relatados acima. No entanto, apesar de toda a problemática envolvida, ambas as famílias reconhecem a importância de estarem ligadas diretamente ao ministério pastoral em uma dada comunidade especialmente pelas questões ligadas à fé de cada membro e do compromisso de servirem à sociedade onde estão inseridos, conforme o relato do Pastor da Família B:

*“Nossa posição é de privilégio, mas também de responsabilidade. Nós somos líderes. Esse é um padrão bíblico. Uma coisa é essa cobrança ser excessiva e a gente tem que saber lidar com isso. Eu penso que nosso dever de ser exemplo, não está vinculado a ser família de pastor não. E sim ao fato de ser cristão. Meus filhos independente de serem filhos de pastor precisam servir a Deus e fazem isso com alegria. Tem muito pastor se perdendo no ministério porque a família vive outra realidade, onde os*

*filhos são mundanos, a esposa não dá exemplo... O que eu quero é que minha família sirva a Deus e com alegria não com o senso de obrigação. O serviço da igreja é pra todo mundo, a diferença é que eu sou quem lidera o processo. Mas quem lidera, lidera pelo exemplo. Como eu vou cobrar o comprometimento dos outros se na minha casa, não acontece?"*  
(Esposo, Família B).

Desta forma, percebe-se que apesar dos problemas existentes com relação aos aspectos relacionais de famílias pastorais residentes em Palmas-TO, todos os entrevistados conseguem identificar e diferenciar as dificuldades relacionais, do seu papel na igreja e na comunidade. Todos disseram que têm prazer em servir à igreja, porque possui uma fé que os faz entender sua importância no meio religioso.

Conforme Esteves de Vasconcelos (2012), não existem realidades objetivas, pois vamos constituindo as realidades físicas, biológicas ou sociais, à medida que interagimos com o mundo. A intersubjetividade nas relações entre as famílias pastorais e as igrejas com quem se relacionam vai sendo percebida na medida em que os sistemas se constituem e interagem, de forma complexa e instável.



## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho, a pesquisadora procurou compreender e descrever os principais aspectos relacionais de famílias dos pastores presbiterianos residentes em Palmas – TO, no contexto do trabalho pastoral. Esta investigação aconteceu em dois momentos distintos: no primeiro momento, houve a disponibilização de um questionário estruturado, aplicado via *e-mail* e *whatsApp*, em que foram coletados dados sócio demográficos individualizados.

Num segundo momento, a pesquisadora reuniu-se com cada família em particular para uma entrevista semiestruturada, com perguntas abertas sobre três categorias principais: relações familiares, relação com a igreja e relação pessoal. Cada uma destas categorias se subdividiu em subtemas: a primeira categoria abordou a importância da família no ministério pastoral e a função da família nesta relação. A segunda categoria tratou da relação com a igreja e mostrou os conflitos existentes pelas cobranças e expectativas da igreja para com a família pastoral, a falta de privacidade e as questões da identidade da esposa e dos filhos por parte da igreja. A terceira categoria enfocou os desdobramentos na saúde física e emocional, cuidando dos aspectos econômicos, as constantes mudanças de locais de trabalho, a solidão, o adoecimento físico e o comprometimento emocional de toda família.

Pretendeu-se que o momento de entrevista servisse de lugar de escuta aos pastores e suas famílias que estivessem em sofrimento ou não e que pudessem ter nesse espaço, lugar de fala.

A observação e análise teve o embasamento teórico sustentado pelo pensamento sistêmico de segunda ordem, bem como do que se pôde encontrar na literatura sobre as famílias pastorais no contexto do trabalho pastoral e todos os achados foram confirmados pela teoria exposta levando em consideração a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade no âmbito das relações.

Foi possível perceber que os membros das famílias pesquisadas compreendem sua importância no ministério pastoral, engajam-se nas atividades, mais pelo prazer de servir pela fé que possuem do que pelo fato de serem famílias de pastores. Porém, se ressentem da cobrança excessiva por parte de alguns membros das igrejas que não compreendem ou não conseguem separar o contexto do trabalho pastoral com a vida pessoal de cada um dos membros dessas famílias.

Ficou evidenciada a firmeza dos pastores e familiares, quanto ao cumprimento da missão que exercem, denotando total afinidade com o conteúdo do trabalho, no entanto, as

maiores dificuldades que encontram são no âmbito das relações entre os membros das igrejas e as famílias pastorais, causando sofrimentos.

Observou-se o sofrimento causado pela falta de privacidade, e pelo não reconhecimento da identidade da esposa e dos filhos. As finanças também foram consideradas como um entrave para o bem-estar de algumas famílias, uma vez que precisam utilizar os recursos financeiros para ajudar no trabalho pastoral. As mudanças de locais e a solidão foram temas levantados como estressores na relação pessoal gerando adoecimento físico e desgaste mental, inclusive com histórias de automutilação e tentativas de suicídio por parte de filhos de pastores.

Os objetivos gerais e específicos deste trabalho foram alcançados, pois foi possível identificar os principais aspectos relacionais observados em esposas e filhos de pastores presbiterianos no município de Palmas – TO no contexto do trabalho pastoral, bem como descrever os aspectos históricos das famílias de pastores da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Através da pesquisa, foi possível realizar o levantamento sócio demográfico das famílias pesquisadas e delinear as principais emoções manifestas, desafios e crises da família do pastor relacionadas ao contexto do trabalho pastoral, o que comprova que os instrumentos utilizados foram adequados e suficientes para a realização do trabalho. A pesquisadora observou que pela natureza da entrevista ser semiestruturada, os participantes se sentiram à vontade para falar de outros temas correlatos que não fizeram parte deste trabalho, por extrapolarem os objetivos propostos.

Percebeu-se que há uma grande necessidade de aprofundamento do tema, dada a importância e a atualidade do mesmo, portanto, sugere-se a continuação desta pesquisa em maior escala, na jurisdição do Sínodo Tocantins da Igreja Presbiteriana do Brasil, a fim de se levantar novos dados que corroborem estatisticamente e qualitativamente com os já detectados pela atual pesquisa.

No médio e longo prazo espera-se que o estudo sirva de base para projetos de atenção psicossociais com as famílias de pastores e suas igrejas, promovendo melhorias nas relações entre os mesmos, bem como a produção de material para posteriores pesquisas.

Sugere-se também que o Presbitério do Tocantins promova encontros regulares e espaços de escuta qualificada com profissionais habilitados aos seus pastores e familiares, em especial aos filhos, jovens e adolescentes que, de acordo com o dado levantado, se sentem esquecidos de todo e qualquer cuidado por parte da igreja e que se faça um trabalho de conscientização nas igrejas sobre o papel do pastor e sua família promovendo maior valorização dos mesmos.

## REFERÊNCIAS

- ALLPORT, G.W. *Pattern and Growth in Personality*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1961.
- ARAÚJO, G. M. **A família do pastor. Os problemas dos filhos de pastor**. Palestra apresentada no encontro nacional de pastores da Igreja Presbiteriana Independente. Atibaia-SP. Palavra da Vida, 1979.
- ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro, Guanabara. 1981.
- AUN, J. G; ESTEVES DE VASCONCELLOS, M. J; COELHO, S. V. **Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais: Vol. I. Fundamentos teóricos e epistemológicos**. 3ª ed. Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa, 2012.
- BERTALANFFY, L. v. **Teoria Geral dos Sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações**. Trad. Francisco M. Guimarães, 8.ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2015.
- BOUSSO, R. S. **A teoria dos sistemas familiares como referência para pesquisas com famílias que experienciam a doença e a morte**. São Paulo, REME. 257-261, abr./jun., 2008
- BRASIL/MS/CNS, RESOLUÇÃO Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, publicada no DOU nº 12 – quinta-feira, 13 de junho de 2013 – Seção 1 – Página 59.
- \_\_\_\_\_. **Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais: Vol. II. O processo de atendimento sistêmico. Tomo I**. Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais: Vol. II. O processo de atendimento sistêmico. Tomo II**. Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa, 2007.
- \_\_\_\_\_. RESOLUÇÃO Nº 510 de 07 de abril de 2016, publicada no DOU nº 98, terça-feira, 24 de maio de 2016 - seção 1, páginas 44, 45, 46
- CABRAL, J. F. P. **“Evolucionismo cultural, segundo Lewis Morgan”**; Brasil Escola. 2010. Disponível em: <HTTPS://brasilecola.uol.com.br/filosofia/evolucionismo-cultural-segundo-lewis-morgan.htm>>. Acesso em 18 de março de 2019.
- CALHEIROS, I. **Revestidos para o ministério: padrões bíblicos para o ministério de homens e mulheres na igreja**. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Vida, 2009.
- CALIL, V. L. L., **Terapia Familiar e de Casal**. São Paulo: Sumus editorial, 1987
- CAMPOS, L. S.. **Destino pessoal e organização religiosa – um estudo de carreiras pastorais no interior de uma organização religiosa**. Dissertação de Mestrado, São Bernardo do Campo. Instituto Metodista de Ensino Superior, 1987.
- CAPRA, F. **A teia da vida**. 4.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- CARD, L. G. **Pesquisa pura x pesquisa aplicada**. Recanto das Letras. 2016. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-ciencia-e-tecnologia/2377521>.

CARNEIRO, T. F. **Casal e família: transmissão, conflito e violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

CECCHIN, G. Exercícios para manter sua mente sistêmica. In: **Nova perspectiva sistêmica**. Ano VI, n.10, Rio de Janeiro: 1991

CERVENY, C. M. O. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2010.

CORRÊA, Mza. Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil". In: CORRÊA, M. (Org.). **Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1982.

CUNHA, A. M. T. R. et al. A Psicanálise das configurações vinculares e a terapia familiar. In **Manual de Terapia Familiar**. Luiz Carlos Osório, Maria Elizabeth Pascoal do Vale (org.). Artmed, Porto Alegre, 2009.

DURAND, D. **A Sistêmica**. 5.ed. Lisboa: Dinalivro, 1992.

DUSILEK, N. G. **Mulher sem nome: dilemas e alternativas da esposa de pastor**. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Vida, 2009.

ENGELS, F. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. São Paulo: BestBolso, 2014.

ESTEVES de VASCONCELLOS, M. J. **Implicações do pensamento sistêmico em diversos contextos de práticas profissionais**. In: AUN, Juliana Gontijo; 2012

ESTEVES de VASCONCELLOS, M. J. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. 10ª ed. rev. e atual. Campinas-SP. Papyrus, 2016

ESTEVES DE VASCONCELLOS, M. J.; COELHO, S. V. **Atendimento Sistêmico de famílias e redes sociais. Fundamentos teóricos e epistemológicos**. Belo Horizonte: Oficina de Arte & Prosa, 2005c. v I. (2ed. 2006)

FORACCI, M. M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. 2.ed. São Paul. Nacional, 1977.

FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala**. São Paulo. Global. 2003.

FURMAN, G. **A esposa do pastor: fortalecida pela graça para uma vida de amor**. São José dos Campos – SP: Fiel, 2016.

GIDDENS, A.. **Sociologia**. 6 ed. Porto Alegre, Penso, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOMES, L. B. et al . **As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo**. Pensando fam., Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 3-16, dez. 2014. Disponível em<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2014000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 02 mar. 2019.

GOMES, W. Quem cuida de quem cuida. São Paulo, Cultura Cristã, 2012.

GONDIM, S. M. G. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**; Universidade Federal da Bahia, Salvador, Paideia, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9.ed. Rio de Janeiro, DP&K, 2004.

HANSEN, D. **Arte de pastorear: um ministério sem todas as respostas**; trad. Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2001.

HAYKIN, M. **Os reformadores e o casamento**. Ministério Fiel. 2017. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2017/09/os-reformadores-e-o-casamento/>

HECKERT, U. **Igreja pode ter as portas abertas para quem sofre de problemas mentais**. Mundo Cristão, Juiz de fora, 2011. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/igreja-pode-ter-as-portas-abertas-para-quem-sofre-de-problemas-mentais.html> acessado em 10 de março de 2019 às 22h37m.

HORTON, P. B. e HUNT, C. L. **Sociologia**. São Paulo, McCraw-Hill do Brasil, 1980.

<https://ftsa.edu.br/home/index.php/en/reflexao/547-suicidio-e-o-gemido-dos-pastores-2>  
Acesso em 11/03/2019.

KOENIG H. G., & BÜSSING A. The Duke University Religion Index (DUREL): **A five-item measure for use in epidemiological studies**. Religions, 1ed, p.78-85. 2010.

LASCH, C.. **Refúgio num mundo sem coração – A família: Santuário ou instituição sitiada?** São Paulo: Paz e Terra. 1991.

LESSA, V. T. **Calvino 1509-1564: sua vida e sua obra**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana. 1960.

LOPES, A. N.; LOPES, M. S. **A Bíblia e sua família: exposições bíblicas sobre o casamento, família e filhos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

MALL, E. J. **Catarina, minha querida**. São Leopoldo-RS: Editora Sinodal, 2001.

MELMAN, J. **Família e doença mental: repensando a relação entre profissionais de saúde e familiares**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

MÉNDEZ, C. L.; CODDOU, F. MATURANA, H. A constituição do patológico: ensaio para ser lido em voz alta por duas pessoas. In: Maturana, Humberto. **Da biologia à patologia**. Porto alegre: Artes Médicas, 1998. Original inglês, 1988.

NOGUEIRA, C., Análise(s) do Discurso: Diferentes Concepções na Prática de Pesquisa em Psicologia Social. (in) **Psicologia, teoria e pesquisa**, Universidade do Minho, v.24, n. 2, p. 239, Brasília, 2008.

OLIVEIRA, N. O presbiterianismo chega ao Brasil para criar raízes e crescer. In: CUNHA Guilhermino. **História da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro – 1862 – 2012**. Rio de Janeiro, MCE, 2012.

PIANA, MC. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9. Disponível em:<<http://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830389-06.pdf>>. Acesso em 23 mar 2019.

PRESBITÉRIO DO TOCANTINS. Estatística da Secretaria de Apoio Pastoral, Palmas, TO., 2019.

PURIN, D. C. **Para esposas de pastores: uma conversa franca entre esposas de pastores**. 4ª ed. Curitiba-PR: A.D. Santos Editora, 2015.

SALEM, T. **O velho e o novo – um estudo de papéis e conflitos familiares**. Petrópolis. Vozes, 1980.

SAMARA, E. M. **O que mudou na família brasileira? (Da colônia à atualidade)**. São Paulo. Psicologia, USP: vol. 13, n.2, 2002.

SANTOS, B. B. **Uma esposa para Isaque: aprendendo com Rebeca dos segredos da fé**. 3ª ed. Rio de Janeiro-RJ: CPAD, 2017.

SAUSSURE, A. **Lutero: o grande reformador que revolucionou seu tempo e mudou a história da igreja**. São Paulo: Editora Vida, 2004.

SCHAEFFER, E. **A celebração do matrimônio**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

SILVA, E. L.; MENEZES E. M. **Metodologia de Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Florianópolis, UFSC: 2001.

SILVA, H. O. **John Knox: o reformador da Escócia**. 2004. Disponível em:<Monergismo.com. file:///E:/ULBRA/2019%201/TCC%20I/Nova%20pasta/knox-reformador\_helio.pdf >. Acesso em 01 mai 2019.

SILVA, J. V. C. **O Pastor Presbiteriano e sua família**. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião. São Paulo, 2016.

SIMIONATO, M. A. W.; OLIVEIRA, R. G. **Funções e transformações da família ao longo da história**. In: I Encontro Paranaense de Psicopedagogia. ABPprr. Nov. 2003.

TERUYA, M. T. A família na historiografia brasileira. Bases e perspectivas teóricas. In: **Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 12., Caxambú, 23-27 out. 2000. *Anais...* s.l.:s.n. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/TodosA%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira....pdf>. Acesso em: 14/03/2019.

VAN GRONINGEN, H.; VAN GRONINGEN, G. **A família da aliança: instruções bíblicas para a vida familiar que honra a Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 1997.

VEIGA, L. & GONDIM, S.M.G. **A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político**. Opinião Pública. Salvador, 2001.

VIANA, O. **Instituições Políticas Brasileiras**. Brasília, Senado Federal, 1999.

WILDEN, A. *System and structure. Essays in communication and Exchange*. 2.ed. Londres: Tavistock Publications, 1980.

ZIMERMAN, D. E. & OSÓRIO, L. C. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

## APÊNDICES



## APÊNDICE A

**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016  
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

## QUESTIONÁRIO - FILHOS

Contexto do Trabalho Pastoral: aspectos relacionais de famílias dos pastores presbiterianos residentes em Palmas – TO

1. Sexo:
2. Idade:
3. Posição de Nascimento
4. Número de filhos:
5. Escolaridade:
6. Profissão:
7. Exerce algum trabalho remunerado fora da igreja?
8. Membro comungante da Igreja há quanto tempo?
9. Ocupa cargos na Igreja atualmente?
10. Se sim, quantos e quais?
11. Faz parte de alguma sociedade interna da igreja?
12. Se sim, qual?
13. Ocupa ou já ocupou cargos em alguma sociedade interna da igreja?
14. Se sim, quantos e quais?
15. Quantas vezes a família se mudou de cidade em função do trabalho dele?
16. Quantas vezes a família mudou de igreja na mesma cidade em função do trabalho?
17. Em algum momento deixou de frequentar as atividades da igreja por causa de problemas relativos ao trabalho pastoral
18. Em algum momento da vida já procurou psicoterapia ou outro tratamento similar em decorrência da vida pastoral?
19. Faz algum tipo de acompanhamento psicológico atualmente?
20. Faz ou já fez uso de alguma droga?

APENDICE B



**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016*  
 AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

QUESTIONÁRIO - CASAIS

Contexto do Trabalho Pastoral: aspectos relacionais de famílias dos pastores presbiterianos residentes em Palmas – TO

1. Idade:
2. Quantas vezes foi casado(a):
3. Anos de casamento atual:
4. Número de filhos:
5. Escolaridade:
6. Formação
7. Profissão:
8. O esposo possui outra profissão?
9. Quem tem maior salário na família?
10. O esposo exerce algum trabalho remunerado fora da igreja?
11. Membro comungante da Igreja há quanto tempo?
12. Ocupa cargos na Igreja atualmente?
13. Se sim, quantos e quais?
14. A esposa faz parte de alguma sociedade interna da igreja?
15. Se sim, quantas e quais?
16. O esposo faz parte de alguma sociedade interna da igreja?
17. Se sim, quantas e quais?
18. Quantas vezes a família se mudou de cidade em função do trabalho dele?
19. Quantas vezes a família mudou de igreja na mesma cidade em função do trabalho?
20. Em algum momento da vida já procurou psicoterapia ou outro tratamento similar em decorrência da vida pastoral?
21. Faz algum tipo de acompanhamento psicológico atualmente?
22. Toma ou já tomou medicação para dormir, para estresse e ansiedade ou similar?

## APÊNDICE C



## **CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016*  
 AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

### TÓPICOS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA FAMÍLIAS PASTORAIS

1. Você percebe sua importância como esposa ou filho (a) no ministério do marido e do pai e suas vantagens? Quais são?
2. Vocês se sentem cobrados(as) por resultados? Como você tem reagido a isso?
3. Com você lida com os padrões de exigência moral e ética do seu meio?
4. Como você administra a vida financeira e de que forma ela é vivenciada por todos os membros da família?
5. Como você se sente quanto há falta de limites e invasão de espaços e privacidade por parte de alguns membros das igrejas?
6. O que representa pra você a negação de identidade por parte da igreja e da sociedade quanto a rotulação de “esposa de pastor” e ou “filho (a) de pastor”?
7. De que forma a família se adapta às mudanças sistemáticas de locais de trabalho e aos novos espaços?
8. Como você percebe e administra os aspectos de solidão, referentes à situação de esposa e ou filho (a)?
9. Em algum momento você já se sentiu desanimada (o) por ser esposa ou filho (a) de pastor?
10. O que desejou fazer quando se sentiu desanimada (o)?
11. Já pensou em abandonar a igreja alguma vez?
12. Já adoeceu por alguma situação vivenciada por você e sua família no exercício pastoral?
13. Você chora ou já chorou recentemente por causa de alguma situação vivenciada por você ou sua família na igreja?
14. Que aspectos você acha mais difícil de conviver por ser esposa ou filho (a) de pastor?
15. História familiar.

APENDICE D



**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016  
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.*

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “**Contexto do Trabalho Pastoral: aspectos relacionais de famílias dos pastores presbiterianos residentes em Palmas – TO**”. É uma pesquisa participativa, exploratória, de abordagem qualitativa e de natureza básica e de campo. Essa pesquisa tem por objetivo descrever os aspectos relacionais de famílias dos pastores presbiterianos em seu contexto de trabalho, que possam causar disfunções em suas emoções. Justifica-se a pesquisa pela necessidade em dar maior atenção e acolhimento às famílias de pastores para que possam ter momentos de escuta e fala acerca de sua vivência como família pastoral no ambiente das igrejas. Acredita-se que com esses dados possa ser possível traçar novas estratégias e até mesmo políticas eclesiais que valorizem e prestem a devida atenção aos pastores e suas famílias com membros em processo de disfunção emocional e relacional.

A pesquisa será feita através de um questionário que você receberá via WhatsApp e e-mail e uma entrevista que acontecerá entre os dias 19 (dezenove) de Agosto e 13 (treze) de setembro, de acordo com a disponibilidade dos (as) entrevistado (as) e da entrevistadora. A pesquisa ocorrerá nas dependências do Serviço de Psicologia (SEPSI) do CEULP/ULBRA, sito à Av. Juscelino Kubitschek, Quadra 408 Norte. Plano Diretor Norte em Palmas-TO. Você não terá gastos, inclusive de deslocamento, pois caso tenha necessidade, serão disponibilizados vales transporte urbanos para sua locomoção até o local.

.....  
Assinatura da participante

.....  
Assinatura da pesquisadora

.....  
Assinatura da orientadora e pesquisadora-responsável

A entrevista terá duração de cerca de 1 (uma) hora a 1 (uma) hora e 30 (trinta) minutos na qual a pesquisadora o conduzirá através de temas que serão previamente estruturados a fim de colher alguns dados a respeito da sua experiência com o processo de relacionamento entre a vida ministerial e a igreja.

Será utilizado um gravador para que os dados sejam coletados com maior fidedignidade. Caso não se sinta confortável com a gravação, você pode informar à pesquisadora seu desconforto e será respeitado. As informações coletadas serão reunidas e analisadas pela pesquisadora em seu trabalho acadêmico. Você terá livre acesso a este trabalho após a sua conclusão, e em nenhum momento serão divulgados seu nome, seus dados pessoais ou informações que comprometam sua integridade.

Em curto prazo, a pesquisa poderá proporcionar uma escuta em relação à situação vivida pela família em processo de adoecimento, principalmente através do Serviço de Psicologia (SEPSI) e da rede de atenção psicossocial do município que lhe serão ofertados. Em médio prazo, você poderá ser beneficiado (a) de forma indireta com o resultado da pesquisa, uma vez que esta pode trazer novas informações para a área eclesial e da saúde, inclusive a Psicologia, que munida de novos conhecimentos, pode melhorar cada vez mais suas estratégias de atendimento à sociedade religiosa e às igrejas no sentido de propor ações preventivas ao adoecimento dos pastores e seus familiares..

Os riscos dessa pesquisa estão relacionados a um possível surgimento de sofrimento psíquico, uma possível exposição de nomes ou dados pessoais, assim como uma possível quebra de sigilo. A fim de prevenir essas situações, a pesquisadora se compromete a resguardar as informações coletadas, de acordo com o código de ética do profissional de Psicologia, e com a Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, que regula as pesquisas com seres humanos.

.....  
Assinatura da participante

.....  
Assinatura da pesquisadora

.....  
Assinatura da orientadora e pesquisadora-responsável

Os áudios coletados durante a entrevista serão convertidos em áudio MP3, transcritos para CDs e guardados na coordenação do curso de Psicologia por um período de 5 (cinco) anos.

Como já mencionado, será disponibilizado a você, participante, o acesso ao Serviço de Psicologia (SEPSI), dispositivos da rede de saúde e atenção psicossocial, caso seja necessário, e a pesquisadora acompanhará o processo até que seu encaminhamento tenha dado entrada nos serviços. As pesquisadoras também se comprometem a dar cobertura material para reparação de quaisquer danos causados a você e que sejam decorrentes da participação na pesquisa.

Fica explícita a sua total liberdade em se retirar a qualquer momento do grupo e desistir da sua participação na pesquisa, sem precisar dar quaisquer justificativas e sem nenhum dano à sua integridade. Você também terá direito a uma via deste termo, enquanto a outra permanecerá na coordenação do curso de Psicologia do CEULP/ULBRA.

Este projeto será aplicado pela pesquisadora Ester Maria Cabral, contatada pelo número telefônico (63) 99975 3443, psicóloga em formação, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Me. Cristina D'Ornellas Filipakis, ambas vinculadas ao Centro Universitário Luterano de Palmas – Universidade Luterana do Brasil (CEULP/ULBRA).

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo você deve ligar para a Coordenação de Psicologia do CEULP/ULBRA, situada no Prédio 2, Sala 208, (63) 3219-8072 ou mandar um e-mail para [psicologia@ceulp.edu.br](mailto:psicologia@ceulp.edu.br). Ou ainda, contatar o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do CEULP/ULBRA, situado no Complexo Laboratorial (Prédio 5), 1º Piso, Sala 541 através do número telefônico (63) 3219-8076 ou e-mail [etica@ceulp.edu.br](mailto:etica@ceulp.edu.br), ambos nas dependências da instituição, na Avenida Teotônio Segurado 1501 Sul Palmas - TO CEP 77.019-900.

.....  
Assinatura da participante

.....  
Assinatura da pesquisadora

.....  
Assinatura da orientadora e pesquisadora-responsável

Considerando que fui informado (a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Palmas, ..... de ..... de 2019

.....

Assinatura da participante

.....

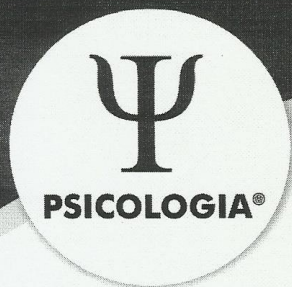
Assinatura da pesquisadora

.....

Assinatura da orientadora e pesquisadora-responsável

## ANEXOS





Palmas, 16 de maio de 2019.

**Ofício nº 19/2019 – Psicologia/CEULP**

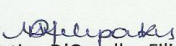
Exmo. Sr. Gilberto Ferreira dos Santos  
Presidente do Presbitério do Tocantins


Prezado Senhor,

Ao tempo em que lhe cumprimentamos, vimos mui respeitosamente informar que a psicóloga em formação Ester Maria Cabral pretende executar uma pesquisa junto aos familiares de pastores presbiterianos residentes em Palmas-TO, com o tema: **“O Contexto do Trabalho Pastoral: aspectos relacionais de famílias dos pastores presbiterianos residentes em Palmas – TO”**, nos meses de agosto e setembro de 2019, cujo objetivo é, a partir de respostas a questionários e entrevistas com pastores, esposas e filhos de pastores presbiterianos, avaliar os aspectos emocionais e relacionais dos mesmos com relação ao trabalho pastoral. Os resultados obtidos servirão para planejamento futuro de ações de prevenção e promoção à saúde deste público.

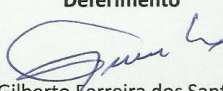
A pesquisadora entrevistará duas famílias de pastores que serão sorteadas no universo dos quatorze pastores residentes em Palmas, representando uma amostra de 14%, não havendo nenhum custo aos entrevistados. Para tanto, vimos mui respeitosamente solicitar autorização da representação deste concílio para a realização desta pesquisa junto aos seus pastores membros, nos comprometendo a divulgar os resultados da pesquisa diretamente à Comissão Executiva deste Presbitério, ao término da mesma.

No aguardo de sua aquiescência e deferimento, subscrevemo-nos, atenciosamente,

  
Cristina D'Ornellas Filipakis  
Pesquisadora Responsável / Orientadora

  
Ester Maria Cabral  
Pesquisadora Assistente

Autorizado (X)  
Não autorizado ( )

**Deferimento**  
  
Gilberto Ferreira dos Santos  
Presidente do Presbitério Tocantins



CENTRO UNIVERSITÁRIO  
LUTERANO DE PALMAS -  
ULBRA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** CONTEXTO DO TRABALHO PASTORAL: aspectos relacionais de famílias dos pastores presbiterianos residentes em Palmas - TO

**Pesquisador:** CRISTINA D ORNELLAS FILIPAKIS SOUZA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 13882419.9.0000.5516

**Instituição Proponente:** Centro Universitário Luterano de Palmas

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.406.796

#### Apresentação do Projeto:

CONTEXTO DO TRABALHO PASTORAL: aspectos relacionais de famílias dos pastores presbiterianos residentes em Palmas-TO

Pesquisador Responsável: CRISTINA D ORNELLAS FILIPAKIS SOUZA

Desenho:

A finalidade metodológica definida para este trabalho se baseará nos achados de natureza da pesquisa pura ou básica que segundo Silva e Meneses (2001), objetiva gerar novos conhecimentos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. O que se busca, segundo Card(2016), não é resolver o problema em si, mas criar uma base de conhecimentos que permita sua abordagem, de forma racional e sistemática. O presente trabalho será desenvolvido enquanto pesquisa de campo. Quanto aos procedimentos técnicos metodológicos, esta pesquisa seguirá o caminho da pesquisa participativa que, segundo Gil (1991), se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. As técnicas empregadas na pesquisa serão a da entrevista não estruturada, na qual não existe rigidez de roteiro podendo explorar mais amplamente algumas questões para a elucidação das hipóteses levantadas e um questionário fechado para levantamento de dados sócio demográficos. Será utilizado um gravador de voz para a coleta das informações nas entrevistas.

Hipótese:

**Endereço:** Avenida Teotônio Segurado, 1501 Sul Prédio 5 Sala 541  
**Bairro:** Plano Diretor Sul **CEP:** 77.019-900  
**UF:** TO **Município:** PALMAS  
**Telefone:** (63)3219-8076 **Fax:** (63)3219-8005 **E-mail:** etica@ceulp.edu.br



Continuação do Parecer: 3.406.796

Os currículos dos pesquisadores atendem as exigências para esta pesquisa.

**Recomendações:**

- Conforme item XI (DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL) na Resolução CONEP 466/12, destacamos apenas como lembrete: XI.2 - Cabe ao pesquisador: c) desenvolver o projeto conforme delineado; d) elaborar e apresentar os relatórios parciais e/ou finais; f) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa; g) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; h) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Caro pesquisador: Encontra-se totalmente adequado para execução da pesquisa.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1356698.pdf	19/06/2019 22:45:59		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	TCCI_10.pdf	19/06/2019 22:45:03	Ester Maria Cabral	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Oficio_instituicao.pdf	18/06/2019 00:42:33	Ester Maria Cabral	Aceito
Folha de Rosto	TCCI_4.pdf	15/05/2019 12:45:27	Ester Maria Cabral	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCCI_3.pdf	14/05/2019 18:44:44	Ester Maria Cabral	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TCCI_2.pdf	14/05/2019 18:41:50	Ester Maria Cabral	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Endereço:** Avenida Teotônio Segurado, 1501 Sul Prédio 5 Sala 541

**Bairro:** Plano Diretor Sul **CEP:** 77.019-900

**UF:** TO **Município:** PALMAS

**Telefone:** (63)3219-8076 **Fax:** (63)3219-8005 **E-mail:** etica@ceulp.edu.br

## RELAÇÃO DE FAMÍLIAS PASTORAIS PARTICIPANTES DO SORTEIO

1. Pr. C. V., T. A. V. e filhos
2. Pr. P. E. e filhos
3. Pr. G.R. filhos
4. Pr. E. F., M. L. F. e filhos
5. Pr. I., T. e filhos
6. Pr. J.J. e filhos
7. Pr. L., M. e filhos
8. Pr. I. C., M.C. e filhos
9. Pr. R. R., L. e filhos
10. Pr. E. E., E. e filhos



Dia 22/08/2019 às 14h 31m.

Sorteador.com.br - Nunca foi tão fácil

sorteador.com.br/sorteador/numeros

Sorteador.com.br

Sorteio tradicional + Ferramentas **novel** + Sorteador **novel**

# Sorteador

Os números sorteados foram:

## 2

Você quer dar um nome para este sorteio antes salvar?

Ex.: Sorteio de um iPhone de última geração

**SALVAR RESULTADO** TENTAR DE NOVO

Resultado gerado para o intervalo de 1 a 7, realizado em 22/08/2019 às 14:36:04 (Horário de Brasília).

CURSO ONLINE EXCLUSIVO

CHARGE4 DESIGN, POTÊNCIA E SOM MAIS USUÁRIOS FRETE GRÁTIS SAIBA MAIS

Primeira família sorteada Família B – P.E. Dia 22/08/2019 às 14h36m

Sorteador.com.br - Nunca foi tão fácil

sorteador.com.br/sorteador/numeros

Sorteador.com.br

Sorteio tradicional + Ferramentas **novel** + Sorteador **novel**

# Sorteador

Os números sorteados foram:

## 7

Você quer dar um nome para este sorteio antes salvar?

Ex.: Sorteio de um iPhone de última geração

**SALVAR RESULTADO** TENTAR DE NOVO

Resultado gerado para o intervalo de 1 a 10, realizado em 22/08/2019 às 14:46:12 (Horário de Brasília).

CURSO ONLINE EXCLUSIVO

Segunda família sorteada Família A – L.M. Dia 22/08/2019 às 14h46m